

UM CONTO DE JACK REACHER E WILL TRENT

KARIN SLAUGHTER

LEE CHILD

OURO SUJO





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



OURO SUJO

UM CONTO DE JACK REACHER E WILL TRENT

KARIN SLAUGHTER

LEE CHILD

OURO SUJO

Tradução
Laura Folgueira

 Harper
Collins

Rio de Janeiro, 2019

Copyright © 2019 por Karin Slaughter e Lee Child
All rights reserved.

Título original: Cleaning the Gold

Excerto de *The Last Widow* © 2019 por Karin Slaughter

Will Trent is a trademark of Karin Slaughter Publishing LLC.

Lyrics from “Africa” by David F. Paich and Jeffrey T. Porcaro

Lyrics from “I’m on Fire” by Bruce Springsteen

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: Raquel Cozer

Gerente editorial: Alice Mello

Editor: Ulisses Teixeira

Preparação do excerto de *A última viúva*: Marcela Ramos

Revisão: Anna Beatriz Seilhe

Diagramação: Abreu’s System

Produção de ebook: [S2 Books](#)

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S641o

Slaughter, Karin, 1971-

Ouro sujo [recurso eletrônico] / Karin Slaughter, Lee Child ; tradução Laura Folgueira. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2019.
recurso digital

Tradução de: Cleaning the gold

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

“Inclui prólogo do livro “A última viúva” também da autora Karin Slaughter com tradução de Alexandre Martins”

ISBN 9788595085657 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Ficção policial. 3. Livros eletrônicos. I. Child, Lee. II. Folgueira, Laura. III. Título.

19-56848

CDD: 813

CDU: 82-312.4(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Parte um](#)

[Prólogo](#)

[Um mês depois](#)

[1](#)

Caros leitores,

Estamos muito animados por finalmente poder compartilhar com vocês este conto que levou anos para ser escrito!

Somos amigos há quase duas décadas — e também fãs da escrita um do outro. Durante esse tempo, muitas vezes conversamos sobre o que os personagens das nossas séries, Jack Reacher e Will Trent, fariam caso se conhecessem na vida real. Will prenderia Reacher por praticar a justiça fora do sistema contra um bandido? Reacher quebraria a cara de Will ou o jogaria em um poço? O desafio foi encontrar uma forma de fazer os dois trabalharem juntos. Ambos têm um senso moral forte, mas cada um de um jeito bem diferente. Encontrar um caso que os colocaria para trabalhar juntos foi uma longa conversa que acabou resultando em uma trama que ficamos empolgados de trabalhar na página.

O resultado é *Ouro sujo*. Começamos escrevendo os nossos capítulos separadamente, mas, conforme as histórias ficaram mais interligadas, as coisas se mesclaram, de modo que vocês não vão saber bem quem escreveu o quê — e esperamos bastante que gostem. Acima de tudo, achamos que Jack e Will se divertiram à beça descobrindo o início de uma bela amizade...

Abraços,
Karin Slaughter e Lee Child

1

WILL TRENT SENTAVA-SE EM frente à porta fechada de um escritório, escutando as vozes abafadas que discutiam as duas multas por dirigir embriagado e o histórico profissional irregular listados no currículo dele. A conversa não parecia estar indo a seu favor. Aquilo não era bom. Will precisava do emprego. Senão, seu emprego de verdade estava lascado.

Ele limpou o suor da testa com a manga. A temperatura lá fora estava no nível da fervura. Dentro, a coisa não era muito melhor. Até o seu suor tinha começado a suar dentro da tumba úmida dos anos 1950 que era aquele prédio governamental. O teto baixo parecia ainda mais baixo. A parede de gesso estava inchada com a umidade. Ele observou uma gota de transpiração cair do nariz e rolar pelo chão. No meio do piso de linóleo, corria uma calha aberta por décadas de coturnos andando para cima e para baixo do corredor.

Will não parava quieto na cadeira. Suas vértebras estrangulavam sua coluna. Os músculos de ambas as pernas estavam rígidos. O corpo dele doía por dois motivos. O primeiro era o presente de despedida que a sua namorada dera a ele na noite anterior — e também hoje de manhã no estacionamento do aeroporto. O segundo era que ele tinha passado todo o voo de uma hora de Atlanta a Lexington com os joelhos batendo no assento da frente, enfiado entre um bebê que gritava com um clipe de papel e um senhor idoso flatulento.

Só uma daquelas razões valia tanta dor.

— Não estou nem aí para o que você pensa, Dave — berrou uma voz por trás da porta.

Coronel Stephanie Lukather, a mulher responsável pelo Depósito de Ouro dos Estados Unidos, o local que armazena as maiores reservas de ouro dos Estados Unidos. Um cargo importante, mas o que Will sabia? Quase tudo que ele conhecia sobre as reservas de ouro do governo era cortesia da Wikipédia e de *007 contra Goldfinger*.

A instalação ficava ao lado de Fort Knox, uma base do exército localizada no cruzamento entre o Bullion Boulevard e a Gold Vault Road. A porta principal pesava vinte toneladas e era feita de material resistente a furadeiras e maçaricos, com uma grossura de quase 55 centímetros. Trezentos e cinquenta bilhões de dólares em metal precioso estavam guardados atrás dela. A polícia da casa da moeda vigiava o edifício, e o exército dos Estados Unidos vigiava a polícia. O cofre só tinha sido aberto para inspeção pública uma vez, em setembro de 1974. Antes disso, em 1964, Pussy Galore tinha derrubado toda a base com seu time de aviadoras e uma bomba dentro do cofre que havia sido desarmada faltando apenas 0,07 segundo para explodir.

A porta enfim se abriu.

O major Dave Baldani deu um sorrisinho irônico para Will.

Will conhecia aquela expressão. Era a maneira de um cara bom colocar um cara malvado no seu devido lugar. Ele a usava muito no seu emprego diário de agente especial na Agência de Investigação da Geórgia. Mas Will não estava em Fort Knox como oficial da lei. Estava trabalhando infiltrado como um ex-capitão do exército imerso no buraco negro das decisões idiotas após duas missões no Afeganistão.

O disfarce dele era perfeito, a não ser que alguém conseguisse invadir a base de dados do Pentágono. Jack Phineas Wolfe, dispensado com honras em 2016. Duas multas por dirigir bêbado. Serviço comunitário. Condicional. Divorciado. Sem filhos. No cheque especial. Cartões de

crédito estourados. Despejado do último lugar em que morou. Carro tomado pelo banco. Buscando um emprego honesto ou o mais próximo de honesto que tivesse.

— Andem logo, garotos. — A coronel Lukather tinha 50 e poucos anos, era magra e elegante, com o cabelo louro comprido preso em estilo militar. Fez um aceno impaciente com a mão. — Estou esperando.

Will teve que abaixar a cabeça para ficar de pé. O teto falso tinha 45 centímetros a menos do que deveria. O revestimento de lambri das paredes entortara com o tempo. Arquivos trancados tomavam uma parede. A escrivaninha de metal padronizada da coronel estava encostada na parede oposta. Não havia mesas. O ar era imóvel. Era o mesmo que estar dentro de um caixão.

— O general de brigada lá em cima queria um chuveiro no escritório — explicou Lukather, apontando para o teto baixo. — A corrente sempre arrebenta no elo mais fraco. De qualquer forma, não preciso de uma claraboia, Wolfe. Sente-se.

Will se acomodou em uma das cadeiras em frente a ela. Baldani continuou de pé a uns cinco centímetros do ombro de Will — outro truque do tipo cara bom/cara malvado.

— Wolfe, você se meteu em uns problemas desde que saiu do serviço.

Will não ouviu uma pergunta, portanto não deu uma resposta.

Lukather descansou a mão em cima do arquivo dele, esperando que o silêncio o cansasse.

Will não se cansou.

O relógio na parede fez um *tique* agudo.

Baldani soltou um suspiro fino e longo de fumante.

— Olha só, Dave, parece que temos um safo aqui. — Lukather abriu o arquivo e fingiu ler a informação pela primeira vez. — Serviu em uma boca podre. Quinto melhor baleiro da John Wayne School. Encheu o peito de medalhas lá no deserto. Artilharia naval, infantaria e aérea. O filho da

mãe é zero um. Com certeza, ganha o concurso de maior pica desta sala.

Will não teve tempo de estudar nenhum jargão do exército, então ficou perdido a não ser pela última parte, que parecia correta.

— Mas então... — Ela virou uma página do arquivo. Seu dedo percorreu a verificação de antecedentes de Jack Wolfe. — Duas multas por dirigir embriagado. Um divórcio complicado. Sem crédito na praça. O que te faz pensar que eu devia pagar quinze dólares por hora e hospedar você em um dos meus hotéis para ter o privilégio de trabalhar na minha base pelos próximos dias?

Will levantou um dos ombros daquele jeito “estou cagando pro que você pensa” que os criminosos usavam quando ele os interrogava.

— Isso é com você.

Baldani mudou o apoio do corpo nos pés, claramente irritado.

Lukather levantou os olhos da papelada. Talvez desse crédito a Will pela honestidade, porque não o expulsou do escritório.

— Você sabe qual é o trabalho?

— De zelador? — Will deu de ombros novamente, só para emputecer Baldani. — O anúncio mencionava alguma coisa sobre limpeza.

— Não é para esfregar o chão. O que você sabe sobre ouro?

Ele deu de ombros pela terceira vez.

— Que um pouco me faria bem.

— Já chega, babaca. — Baldani tinha chegado ao limite. — Veja como fala. Você está diante de uma coronel de alta patente.

Will virou o queixo em dois graus, ignorando, mas não ignorando o homem.

Baldani cerrou os punhos, o que era idiota porque, no minuto em que levantasse os braços, Will podia socar o

saco do cara até as bolas saírem pela bunda.

— Já chega, garotos. — Lukather fechou o arquivo de Jack Wolfe. A decisão de contratação tinha sido tomada, mas ela não a compartilhou. Em vez disso, falou a Will: — O ouro é um produto químico natural de número atômico 79. É classificado como metal macio, por isso é arranhado ou danificado com facilidade. A gordura das suas mãos pode corroer ou manchar o verniz, diminuindo o seu valor. Ao manusear, é recomendado usar luvas de algodão sem fiapos. Máscaras são obrigatórias, porque a umidade da sua respiração ou saliva pode deixar marcas impossíveis de remover.

Will esperou pelo resto do discurso.

— A ordem executiva 6.102, expedida pelo presidente Franklin D. Roosevelt em 1933, proibiu que os cidadãos americanos mantivessem moedas, barras e certificados de ouro, forçando-os a vender esses itens à Reserva Federal. Em 1936, o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos começou a construir aquele cofre, e, no fim, transferiu, em um comboio ferroviário fortemente blindado, a maioria das reservas de ouro para as nossas instalações. Hoje em dia, temos armazenadas na profundidade de cofres lacrados mais de 147,3 milhões de onças troy, sobretudo na forma de barras de ouro de 12,4 quilos, com pureza de 900 a 999. O resto das reservas do país fica em West Point e Denver.

Will levantou de novo o ombro no estilo “estou cagando”.

— E?

— Por ordem do Congresso, os cofres são examinados todo ano pelo Escritório do Inspetor Geral do Departamento do Tesouro. Uma inspeção apenas visual. Levaria meses para comparar o número de série de cada barra com o inventário. E é isso que nos traz a este momento, capitão Wolfe. A cláusula TS/Ultra 42-12 do Ato Governamental de Compartimentalização do Tesouro exige que cada peça de ouro seja inspecionada manualmente a cada dez anos. Chegamos nesse momento e estamos em meio ao processo,

faltando poucos dias para acabar e com um homem a menos.

Will abaixou o ombro. Esfregou a mandíbula, tentando acalmar o Will adolescente que pulava para cima e para baixo igual a um drogado em uma cama elástica. Sua esperança original era de que aquele emprego o levasse para dentro do prédio, mas isto era *dentro dos cofres*. Com o *ouro*. Era território do Oddjob do 007.

Ele precisava entender melhor aquilo.

— Você quer que eu mexa com o ouro?

— Basicamente, você vai ser uma empregada — disse Baldani. — Você limpa o ouro. É só isso que o Ato exige. Limpar o ouro.

Lukather completou:

— Nós levamos exatamente nove meses para trabalhar no inventário todo, e por acaso estou adiantada no momento, o que é ótimo — falou Lukather. — Trabalhamos 24 horas por dia, sete dias por semana, com duas equipes de seis durante o dia, e duas outras equipes de seis da meia-noite às oito. Por motivos de segurança, nenhuma equipe fica mais de duas semanas dentro dos cofres, e usamos pessoal terceirizado, de preferência ex-militares, para ninguém na base ficar familiarizado demais com as idas e vindas. Como mencionei, estamos bem perto da linha de chegada, mas o turno do dia precisa de uma peça na engrenagem.

Will pensou sobre as palavras da coronel. Ela não tinha oferecido o emprego, mas explicara a ele um programa ultrassecreto, o que era quase a mesma coisa. Agora não era a hora de parecer ansioso.

— E o que vou precisar fazer?

— Trabalhar pesado — respondeu Baldani, conseguindo transmitir, com um tom mal-humorado, que duvidava que Will conseguisse.

Lukather falou:

— Dave tem razão — falou Lukather. — O glamour acaba em mais ou menos meia hora. Daí em diante, é um trabalho

de foder a coluna. Obviamente, você ainda está em condições de lutar, Wolfe. Não usa mais o corte militar, mas ainda vejo um soldado em você. — Ela se recostou na cadeira, avaliando-o. — Você tem o quê, uns 1,93 metro e 95 quilos?

Will pesava 84 desde o ensino médio, mas assentiu.

— O Dave aqui acha que você vai ser problema, mas eu gosto de um pouco de problema. — Ela abriu um sorriso para Will. — Além do mais, o último cara que ele recomendou arregou depois da primeira gota de suor. Você é esse tipo de maricas, capitão?

Will balançou a cabeça.

— Não desisto fácil.

— Aposto que não. — Ela piscou, parecendo que tinha algo nos olhos. — Gosto de ter um homem trabalhando embaixo de mim. Você é um homem duro, Wolfe?

Will estava acostumado a trabalho braçal.

— Faço o que precisa ser feito.

— Aposto que sim, soldado. — Ela deu uma risada profunda e rouca. — Baldani, coloque-o no turno. Agora.

Pelo visto, Baldani queria discutir, mas Lukather parecia o tipo de mulher com quem não se devia discutir, e não só por causa da sua alta patente.

— Vamos, bundão — resmungou Baldani.

O *bundão* deu a Baldani o prazer de ficar vendo Will se demorar a levantar da cadeira. Para contar vantagem, ele se abaixou sob o teto baixo, principalmente porque sobravam uns trinta centímetros de espaço entre Baldani e o teto. O major olhou para Will com uma espécie de fúria específica nos olhos. A Histeria do Homem Pequeno, era como a namorada de Will chamava, e ela devia saber, porque também era mais alta que Baldani.

No corredor, o major mais jogava os coturnos à sua frente do que caminhava. Estava em forma para um cara gorducho, provavelmente porque passava a mesma quantidade de tempo no bar e na academia. O cabelo dele

era cortado bem rente, igual ao do Recruta Zero, o que não ajudava muito a esconder a careca no topo. Baldani flagrou o olhar de Will no pedaço queimado de sol no seu couro cabeludo. Cobriu com a mão, fingindo limpar o suor. Olhou para Will e depois olhou de novo quando Will deu uma risadinha.

— Não pense nem por um segundo que a Lukather está a fim de você — avisou Baldani. — Ela sentaria em uma maçaneta de porta, se apertasse os peitos dela.

Will decidiu foder mesmo com a cabeça do cara.

— E quem não sentaria?

Lá fora, o sol atingiu o rosto dele como uma lâmina. Will ouviu tiros. Depois, uma explosão. E então, mais tiros, o que lhe fez desejar fortemente ter um revólver ou algo para explodir.

Havia uma razão para Will ser policial.

Baldani entrou em um Impala azul com estalactites de lama penduradas no chassi. O ar-condicionado estava no talo quando Will entrou. Ele experimentou aquela sensação familiar de suor correndo pelas costas enquanto o nariz escorria com o frio. Baldani deu meia-volta com o carro. O rádio já estava alto, mas ele girou o botão de volume para aumentar ainda mais, porque a melhor forma de provar que você é um cara fodão é explodir um subwoofer com “Smells Like Teen Spirit”.

Will relembrou o seu conhecimento da Wikipédia enquanto o carro saía cantando pneu. O posto ocupava mais de quatrocentos quilômetros quadrados em três condados diferentes. Quase 13 mil pessoas moravam ali, com outras milhares indo e vindo para treinamentos ou trabalhos de apoio. Havia hotéis, lanchonetes de fast-food, centros comerciais, um boliche, um complexo médico, um alojamento para famílias e escolas que iam do ensino infantil até o ensino médio. Para cada cem mulheres acima dos 15 anos, havia 190,3 homens, o que talvez explicasse por que Baldani era tão tenso.

Ou talvez ele fosse só um escroto.

Saindo da rua principal, Will viu mais prédios comerciais do que era capaz de contar. O departamento de Recursos Humanos do exército ficava na base, o que, para Will, significava que aquele era o lugar onde a burocracia vinha para morrer. Ainda assim, ele estava em uma base ativa do exército com alto nível de segurança. Passar do portão principal já tinha exigido duas horas de espera e muita ansiedade na checagem das suas várias identidades oficiais do governo falsas-mas-não-falsas em nome de Jack Phineas Wolfe.

O cofre podia ser visto no fim de uma longa estrada. O prédio de granito branco parecia razoavelmente inofensivo, uma estrutura típica de *art déco* dos anos 1930, o tipo de coisa que era mais bonita do que deveria ser porque a Grande Depressão tinha tirado o emprego de muita gente e as pessoas se demoravam fazendo as coisas quando tinham o luxo de contar com um salário.

Da estrada, Will tinha visto o cofre e achado que seus olhos estavam lhe pregando peças. Não parecia correto uma coisa daquelas estar a céu aberto. Depois, ele percebeu o arame farpado e as fileiras de cercas elétricas, sinais de alerta e jipes zigzagueando em torno de uma área que provavelmente equivalia a dez campos de futebol de minas terrestres Claymore. Não havia atiradores no telhado, mas, se um ladrão em potencial conseguisse atravessar os campos abertos ao redor da estrutura, logo haveria ao menos duzentos homens com a mira nele.

Baldani parou diante de um prédio de segurança de um único andar, logo depois dos portões abertos, ainda que *abertos* não fosse a palavra certa. Os portões de ferro pesados tinham dado lugar a doze postes de amarração que saíam do asfalto. Fileiras de estacas furavam o ar como dentes de crocodilo.

— Hora de agachar e tossir, Wolfie — disse Baldani a Will.

A porta do carro foi aberta por um guarda que parecia ter sacos de cimento dentro da camisa. Will olhou ao redor, protegendo os olhos do sol. A última vez que estivera cercado por essa quantidade de homens fortemente armados, ele estava atacando um armazém no porto de Savannah em uma operação conjunta com o FBI, o DEA e o ATF.

Baldani jogou as chaves, o isqueiro e a identidade em uma bandeja que foi colocada em uma máquina de raios X, mas a checagem dele parou por aí. Ele encostou na cerca e acendeu um cigarro, esperando Will ser processado. Entrar na base tinha sido difícil, mas o escrutínio no cofre era como... entrar em Fort Knox.

Will contou dez guardas com M4s penduradas no pescoço, o upgrade para meninos crescidinhos do AR-15 civil. Seus cintos completavam o look com pistolas Sig Sauer P-320, sprays de pimenta, armas de eletrochoque e cassetetes retráteis com hastes telescópicas. Eles se moviam de maneira rápida e eficiente, puxando e empurrando Will por uma esteira rolante de segurança. Um pastor-alemão corpulento enfiou o nariz na virilha dele. Um adolescente com um laptop fuçou sua carteira e escaneou vários documentos de identidade no sistema. As botas de Will foram colocadas na máquina de raios X. Ele teve que tirar o cinto e levantar os braços enquanto uma vareta vasculhava o seu corpo em busca de metal, depois passou por uma revista física e pediram para que mostrassem seu hidrante labial e suas chaves. Aí, um segundo homem o revistou de novo. Então, um terceiro passou um pequeno pedaço de papel pelas mãos de Will e enfiou em uma máquina para checar se havia resíduos de fabricação de bombas.

O Impala estava sendo submetido a um exame parecido. Outro guarda passou um espelho por baixo do carro, derrubando as estalactites. Um pastor-belga foi solto. Assentos foram levantados. Carpetes e retrovisores foram revirados. O porta-luvas foi aberto. O motor e o porta-malas

foram checados. Alguém passou um contador Geiger pelo perímetro. Outro checou se havia resíduos de explosão.

Will já estava suando pelo calor, mas um suor frio pingou do seu couro cabeludo quando pediram para ele passar as digitais em uma máquina. Será que o seu disfarce de Jack Phineas Wolfe aguentaria esse nível de interrogatório ou Will acabaria levando um tiro ali mesmo?

Agora não era a hora de fazer essa pergunta.

Nenhum dos guardas parecia ter idade suficiente para comprar cerveja legalmente. Um deles ainda tinha penugem no queixo. Outro podia ser confundido com o Groot passando pela puberdade. Todos carregavam o mesmo olhar entediado que podia levar ao disparo de uma arma, ao balanço de um cassetete e a Will sendo carregado de avião para o hospital ou de carro para o necrotério.

Seu coração bateu sem controle contra as costelas quando o adolescente com o laptop entrou de volta no espaço pessoal de Will. O menino tinha as carteiras de motorista e do seguro de saúde da associação dos veteranos, o cartão da previdência social e, por algum motivo, o cartão do mercado, tudo em nome de Jack Wolfe.

— Olhe aqui. — Outro guarda estava segurando óculos pretos e pesados. Do topo, saía um fio em formato de mola plugado a um tablet.

Will colocou o rosto contra os óculos. Ele viu tudo preto, até uma linha cruzar a sua visão, dando a sensação de estar encarando um cylon de *Battlestar Galactica*.

O sol o cegou quando os óculos foram afastados.

— Leitura de retina — explicou Baldani. O cigarro pela metade se pendurava nos seus lábios. Ele parecia estar curtindo o desconforto de Will, o que, para ser justo, era exatamente o que Will teria feito no lugar dele.

— Senhor? — O menino com o laptop estava de novo se metendo com Will. Ele olhou para os documentos de Will, depois olhou para Will, depois voltou a olhar para os documentos. O laptop apitou, mas ele manteve os olhos em

Will. Will o encarou de volta. Observou o suor rolando pela lateral da cabeça raspada do garoto. O soldado devia ter no máximo 18 anos, e tinha o corpo de alguém que passava cada segundo de tempo livre malhando ou tentando arrumar uma trepada.

O laptop apitou de novo, mas o moleque não olhou para a tela.

Will cedeu antes. Baixou os olhos para a tela. Olhou de novo para o garoto. Baixou os olhos para a tela.

— Alfa! Sierra! Foxtrot! — berrou o menino.

Will esperou levar um tiro na testa ou ser jogado de cara no asfalto.

Baldani sorriu com arrogância enquanto jogava o cigarro no chão.

— Adeus. Seu. Fodido.

Os postes de amarração desceram. As estacas foram retiradas. Os dez guardas se afastaram. Will soltou a respiração mais profunda e purificadora da sua vida.

Baldani mostrou, presunçoso, uma fileira de dentes manchados de nicotina e com aparência de Chiclets enquanto dirigia na direção do prédio. Will o deixou saborear a vitória, colocando a humilhação de lado e mentalizando o trabalho a ser feito. Ele não estava ali para quebrar a cara de Dave Baldani nem para limpar barras de ouro. Estava ali para achar um cara que matou um policial.

O crime tinha sido cometido em 16 de abril de 1997, em uma cidade 160 quilômetros ao sul de Atlanta chamada Margrave, na Geórgia.

Os fatos eram os seguintes:

Alguém reportou um estranho perambulando pela área da biblioteca. Margrave era uma cidade pequena. Não recebia pessoas estranhas, pelo menos não pessoas estranhas que eles não reconhecessem. O homem era branco com cabelo louro e olhos azuis, com bem mais de 1,80 metro e porte de jogador de futebol americano. Usava jeans escuros e jaqueta camuflada. Foi visto pela última vez andando de um

lado para o outro em frente às portas da biblioteca. Entrou uma vez para usar o banheiro e folhear uma cópia de um livro chamado *Um guia dos pássaros do sudeste dos Estados Unidos*. A bibliotecária ligou para a delegacia ao ouvir o estranho falando sozinho. Em cinco minutos, um policial chegou ao local. Segundo uma testemunha, o estranho puxou um revólver e atirou na cabeça do agente da lei.

O nome do policial era Phillip Michael Deacon. Tinha 39 anos, 21 na força, uma esposa, um filho adolescente e uma filha casada, esperando o primeiro neto dele.

O estranho não tinha dado aviso algum a Deacon. Não houve palavras entre os dois. Apenas duas puxadas no gatilho, e aí o estranho correu para o bosque, para nunca mais ser visto.

Deacon tinha sobrevivido aos tiros, mas era difícil dizer que estava vivo. Nunca acordou da cirurgia. Passou os 22 anos seguintes em coma. Há dois meses, enfim sucumbiu à pneumonia, que converteu o mandado de prisão por tentativa de homicídio de um oficial a homicídio doloso qualificado, punível com pena de morte.

Foi aí que a chefe de Will jogou o arquivo na mesa dele.

Will não era fã de assassinos, mas assassinos de policiais deviam ir para a parte do inferno favorita do diabo. Desde a chegada do arquivo à sua mesa, ele passou todas as suas horas despertas voltando ao caso original, chegando até a dirigir ao armazém da AIG em Dry Branch a fim de buscar nos arquivos as únicas provas físicas que ainda existiam do caso: fragmentos das duas balas tiradas do cérebro de Phillip Deacon e um saco plástico selado com o exemplar de *Um guia dos pássaros do sudeste dos Estados Unidos* da biblioteca de Margrave.

Não havia arma à qual rastrear os fragmentos.

As únicas digitais identificáveis encontradas no livro pertenciam à bibliotecária que, na manhã do crime, o

retirara novinho da caixa de envio e o colocara na prateleira.

As pessoas sempre acham que casos antigos são impossíveis de resolver. Não estão completamente enganadas, mas, muitas vezes, Will descobria que a passagem de tempo dava mais perspectiva às testemunhas. Na maioria das vezes, tinha a ver com o simples fato de que elas não estavam mais assustadas. Os valentões e os brutamontes que as intimidavam ou morreram jovens, ou acabaram na prisão. Casamentos e amores tinham terminado. Reputações haviam sido destruídas ou reconstruídas. Em resumo, um bom tempo podia dar mais foco a acontecimentos passados.

Will dirigira à península da Flórida e conversara com a bibliotecária já aposentada que fizera a ligação para a delegacia. Encontrara a viúva da testemunha do crime. Conversara com alguns policiais colegas de Deacon e vários frequentadores da biblioteca. Sentara em incontáveis salas, bebendo incontáveis copos de chá gelado e ouvindo incontáveis velhinhas distribuindo as minúsculas peças de informação que acabariam ajudando Will a montar o quebra-cabeça.

Primeira peça: um mês depois da tentativa de assassinato do policial Deacon em frente à biblioteca, um segundo estranho havia aparecido em Margrave.

Segunda peça: o Estranho 2 foi descrito como um homem branco. Cabelo loiro. Olhos azuis. Trinta e poucos anos. Cerca de 1,88 metro e 113 quilos. Porte de jogador de futebol americano, disseram algumas pessoas.

Terceira peça: o Estranho 2 foi preso por homicídio na mesma hora — não a tentativa de homicídio na biblioteca, mas homicídio doloso de um homem não identificado — pelo delegado de Margrave, que também deu o único testemunho ocular do suposto assassinato. *Suposto* porque Will não conseguiu encontrar nenhum relatório ou arquivo

contendo qualquer menção a um homicídio durante aquele período.

Quarta peça: havia um relatório de transporte prisional mostrando o Estranho 2 a caminho da penitenciária de Warburton, mas não havia registro dele ter ficado ali por mais de dois dias.

Quinta peça: em vez de o delegado chamar a polícia federal e começar uma caçada ao tal fugitivo, a *suposta* acusação de assassinato foi retirada, e permitiram que o Estranho 2 desaparecesse.

Até agora.

— Última parada, lingerie feminina. — Baldani encaixou o carro ocupando duas vagas, como se estivesse estacionando um Lamborghini em vez de um veículo do governo.

Will ouviu o clique de um isqueiro enquanto saía do carro. Levantou o olhar para o prédio. Viu torres de guarda, câmeras de segurança, janelas verticais com rifles as transpassando, vastos feixes de luz que provavelmente podiam ser vistos da lua.

O lugar era protegido como Fort Knox.

Baldani caminhou na direção de uma porta lateral, deixando um rastro de fumaça. Will tentou se manter contra o vento, pensando no que o militar pegaria primeiro, câncer de pulmão ou câncer de pele.

Não era problema dele.

Will passou a mão pela parede fria de granito do prédio. Focou a mente no cerne do caso. Phillip Michael Deacon nunca tinha abraçado o neto. Nunca mais tinha visto o filho jogar bola. Nunca mais tinha beijado a esposa, ou ido de carro até o mercado, ou levado o lixo para fora, ou coçado a própria bunda, porque tinha sido chamado para ver um cara que estava vagabundeando por aí e perdido tudo que era importante na vida.

Isto era o que Will sabia sobre o delegado de Margrave: ele era um filho da puta corrupto.

E também estava morto.

A viúva do delegado não tinha guardado nenhum dos arquivos dele. Os filhos não suportavam ouvir o nome do pai. O primeiro relatório de testemunha ocular do delegado sobre o *suposto* homicídio já não existia. Nenhum dos seus ex-subordinados queria dedurar o chefe, mesmo que ele estivesse apodrecendo embaixo da terra. Não havia computadores na delegacia em 1997. O único motivo para Will ter qualquer detalhe sobre o Estranho 1 era que a AIG havia sido chamada imediatamente após o crime. Segundo a legislação do Estado, a agência era responsável por investigar todos os tiroteios que envolvessem oficiais.

A pouca informação que Will tinha sobre o Estranho 2 fora costurada com fios de fofocas que acabaram levando-o até um antigo arquivo empoeirado no porão da penitenciária de Warburton. O pedido de transporte do Estranho 2, em três vias, trazia os tópicos necessários: o nome do prisioneiro, a data de nascimento, os detalhes físicos e a identificação fotográfica. A acusação apresentada. A assinatura do delegado no relatório que listava o próprio como testemunha ocular.

Era um azar muito grande o Estranho 2 ter chegado a Margrave e, dentro de uma hora, conseguido *supostamente* assassinar um homem a sangue-frio diante de uma única testemunha, que, por acaso, era o experiente delegado do condado.

A sexta peça do quebra-cabeça era importante: durante o período entre Phillip Michael Deacon levar dois tiros e a prisão do Estranho 2, Will não conseguira prova de qualquer assassinato na área dos três condados. Nenhuma reportagem de jornal. Nenhuma fofoca local. Nenhum registro funerário. Nenhuma certidão de óbito registrada no Departamento de Saúde Pública e Registros Vitais da Geórgia.

A única coisa que fazia sentido para Will era que o delegado corrupto incriminara o Estranho 2 por um

assassinato que não aconteceu.

Mas... *por quê?*

A resposta mais provável a essa pergunta ajudou Will a começar a ver a imagem que as peças individuais começaram a formar: o Estranho 1 tinha que ser o Estranho 2, porque...

Sete: as descrições físicas de ambos eram idênticas.

Oito: os dois estranhos tinham coincidentemente aparecido em uma cidadezinha que nunca recebia estranhos.

Nove, outra peça importante: Will tinha mandado um e-mail à bibliotecária já aposentada na Flórida com uma cópia da foto do arquivo de transporte do Estranho 2 à prisão. Ela havia respondido na mesma hora, afirmando, com certeza absoluta, que o Estranho 2 era o Estranho 1, o homem que ela denunciara por ficar perambulando no seu local de trabalho em 1997. O homem que uma testemunha havia identificado como aquele que atirou duas vezes na cabeça de Phillip Michael Deacon.

Assim, Will tinha encontrado o seu homem.

— Por aqui, Wolfe. — Baldani deu uma última tragada no cigarro antes de abrir a porta.

O ar dentro do prédio estava pelo menos uns 20° mais frio. Will desceu um lance de escadas atrás de Baldani. No patamar, chegaram a uma porta de aço trancada. Depois, subiram outro lance de escadas. Então, desceram de novo. Will estava achando que era mais uma pegadinha de Baldani, mas, aí, entraram em um hall espaçoso com mármore branco polido brilhando em cada superfície.

Todo o suor no corpo de Will virou gelo.

O cômodo emanava riqueza. Não riqueza de tecnologia ou riqueza de fundo de investimentos, mas riqueza de verdade, tipo J.D. Rockefeller. O teto era decorado com folhas de ouro. Os bancos de mogno tinham desenhos intrincados talhadas à mão nos encostos. Obras de arte que qualquer

museu do mundo sonharia em ter estavam penduradas nas paredes. Will caminhou até um dos mostruários de vidro.

— É um livro velho — explicou Baldani.

— É a Bíblia de Gutenberg. — Will nunca tinha ido à igreja, mas sentiu que devia sussurrar as palavras.

— É — disse Baldani. — Durante a Segunda Guerra Mundial, eles mantiveram uma cópia da Magna Carta aqui. A Constituição original. A Declaração de Independência. Ouvi falar que chegaram a armazenar morfina durante a Guerra Fria.

— Não tínhamos a matéria-prima para fabricá-la nós mesmos.

— Que seja. — Baldani o levou pelo hall.

Dois outros guardas encontravam-se em frente a duas portas grandes de madeira. As dobradiças eram de bronze polido, longas e largas como um cachorrinho corgi esticado. Will olhou para cima, estudando as letras maiúsculas entalhadas uma a uma no arco. Elas estavam pelo menos 7,5 centímetros para dentro da pedra, um cinzel e martelo cavando a carne do mármore para formar as palavras:

DEPÓSITO DOS ESTADOS UNIDOS

— Você vai ficar namorando esse letreiro o dia todo ou quer entrar?

Os dois homens usaram os músculos para abrir as portas de madeira e, de repente, Will se viu parado em frente à porta aberta do cofre. Quatro guardas armados bloqueavam um corredor longo e branco. A polícia da casa da moeda. Usavam coletes à prova de balas Kevlar com o símbolo do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos no peito. Will contou três armas em cada um, o que significava que provavelmente havia outras escondidas.

Ele precisou tocar a porta do cofre. O aço inoxidável era frio sob a palma da sua mão. Era maciça, da grossura de três homens adultos e com o dobro da altura dele.

— Precisa de quatro caras para abrir essa belezinha — falou Baldani. — Eles têm que memorizar as próprias senhas, dadas verbalmente pelo secretário do Tesouro. Ninguém pode olhar enquanto estão girando o cadeado. Aí, a roda é girada catorze vezes para puxar os ferrolhos.

Baldani entrou e Will o seguiu.

A opulência acabava na porta. O lugar lembrou a Will todos os prédios governamentais pelos quais já tinha passado na vida. Tetos baixos. Dutos de ar-condicionado expostos. Tinta branca que ficava amarelada dois dias depois de ser passada nos blocos de concreto. Azulejos rachados no chão. Rejunte sujo. Fios multicoloridos que levavam a lugar nenhum.

A temperatura caiu mais 20°. Eles desciam uma rampa íngreme agora. As paredes estavam forradas de versões menores da porta principal do cofre. Placas azuis jaziam em cada uma. Havia fitas como as que a polícia usa para isolar a cena de um crime de um lado a outro do batente. Nas fitas, havia envelopes de plástico transparente pendurados. Will apertou os olhos para as linhas datilografadas nos papéis, mas viu apenas fileira após fileira de números. Supôs que correspondiam aos números de série das barras de ouro. Ele queria parar e examinar cada cofre, abrir as portas de aço inoxidável e espiar dentro. Não havia janelas. Cada porta tinha trancas de combinação e um cadeado que parecia ter saído diretamente de uma prisão de segurança máxima.

Baldani virou em outro corredor. Will olhou para a frente. As luzes eram de xenônio, claras o suficiente para iluminar os detalhes intrincados do rejunte entre os azulejos. Ele conseguia ouvir uma música. O som ecoava nas superfícies. Os dois dobraram outra esquina. Mais portas de cofre. Mais placas. Mais fitas. A cada nove metros, havia um telefone vermelho pendurado na parede, com o disco brilhando na luz não natural.

Em frente, Baldani pegou mais um corredor. A música ficou mais alta. Era alguma coisa da Hoobastank, o que por si só já era um tipo de crime. Não havia guardas tão dentro do cofre. Will supôs que só havia uma forma de sair, e era preciso ser um tipo especial de idiota para tentar esconder uma barra de ouro de mais de treze quilos no corpo.

— Puta merda. — As palavras saíram da boca de Will antes que ele conseguisse contê-las.

Os dois tinham chegado à primeira porta aberta. Três homens usando luvas de algodão brancas e máscaras no rosto removiam lingotes de ouro e os empilhavam em um estrado.

“The Reason” parou no meio de um gemido. Ou talvez Will tivesse perdido a audição. Nunca vira uma coisa como aquela antes. Durante esse tempo todo, ele estava imaginando o Tio Patinhas dando seu mergulho diário no dinheiro quando deveria estar pensando em uma cidade inteira feita de ouro no Minecraft.

— Conheçam o recruta, seus bostinhas.

Todo mundo ignorou a apresentação babaca. Will enfiou a cabeça no cofre aberto. A sala era do tamanho de um freezer de restaurante. Não havia luz, mas o ouro refletia um brilho metálico mais reluzente que qualquer lâmpada. As barras estavam empilhadas verticalmente do chão ao teto em um formato de ferradura por toda a periferia da sala. Havia espaço suficiente para um cara ficar parado do lado de dentro e passar os tijolos para o cara que estava fora. O segundo cara, então, passava para um terceiro, que, gentilmente, colocava as barras em um estrado de aço.

Will percebeu que estava de queixo caído. Apertou os olhos para o corredor enquanto esperava as pupilas voltarem ao tamanho normal. Havia outra porta aberta logo após a primeira. A segunda equipe tinha um homem a menos, mas parecia estar mais adiantada no processo. O cara do lado de fora estava ajoelhado, passando um pano

de algodão pelas barras antes de pegar duas com ambas as mãos, ficar de pé, girar e entregá-las para o cara de dentro.

Trabalho de foder a coluna.

— A leitura da balança. — Baldani deu uma batidinha no mostrador de LED visível atrás do estrado. — Na verdade, a gente não conta cada barra. Pesa o conteúdo do cofre todo, dá uma limpada no ouro e empilha de volta bonitinho e organizado para a próxima vez.

Will assentiu, mas não sabia com certeza se aquilo fazia sentido. Os cofres eram lacrados, sem oxigênio. Colocar as barras ao ar livre devia afetar o peso delas de alguma forma. Tinha umidade no ar, talvez penugem das luvas de algodão, um fio de cabelo solto de um dos limpadores. Quando se falava de milhões de onças, esse tipo de coisa fazia diferença.

— Aqui é onde checamos a conta. — Baldani apontou para uma das placas azuis. Alguém com uma letra muito bonita usou um marcador branco para preencher a informação. — São 36.236 barras de ouro. Quase 12 bilhões de onças troy. O ouro está valendo uns 1.300 paus por onça agora, então, são... Bom, caralho, é uma cacetada de verdinhas.

Uma voz grave veio de dentro do segundo cofre.

— São 472.238.000 dólares.

Will olhou para além da cabeça atarracada de Baldani.

Não conseguiu achar o cara dentro do cofre. Mas viu um par de mãos gigantesco se esticarem, as costuras de um par de luvas de algodão estouradas. Os braços do homem eram cheios de músculos. O bronzeado desbotado indicava que ele estava mais acostumado a trabalhar ao ar livre. Ele pegou duas barras de ouro com apenas uma das mãos, como se fossem peças de Lego. Depois, pegou mais duas com a outra mão.

— Pode ir saindo daí, grandão. — Baldani estalou os dedos, indicando que queria que a ordem fosse obedecida naquele instante. — Lukather não quer que o novato quebre uma unha.

O homem abaixou a cabeça ao sair do cofre. Puxou a máscara para baixo. Homem branco. Loiro. Olhos azuis. Cinquenta e poucos anos. Cerca de 1,95 metro e 113 quilos. Porte de jogador de futebol americano, diriam alguns, mas, com a referência visual, Will o descreveria como mais ou menos do tamanho de um cofre trancado dentro de Fort Knox.

As últimas peças do quebra-cabeça. Ex-militar. Atualmente sem teto. Mercenário. Durão. Limpador de ouro. Assassino de policial.

— Jack Reacher — disse o estranho de Margrave, se apresentando.

2

REACHER ESTAVA LÁ POR causa de uma complicação financeira temporária. Literalmente falando. Nada sinistro. Nenhuma falência iminente. Coisa totalmente mundana. Dezesete dias antes, ele tinha gastado mais do que o esperado em um almoço e, como um cara que planejava o futuro sempre que possível, percebeu que não tinha sobrado o suficiente para comprar uma passagem de ônibus, pagar o jantar e ficar em um motel para passar a noite. Assim, foi ao caixa eletrônico.

Havia um depósito recente no valor de 612,14 dólares.

O que era inesperado, mas fácil de explicar. Era uma mensagem. O seis era F, a sexta letra do alfabeto. Os doze dólares eram L. Os catorze centavos eram N. Frances L. Neagley. Dizer que ela era a melhor comandante que ele já tinha tido não era suficiente. Era a melhor militar que ele já havia conhecido. Talvez a melhor pessoa. Com certeza, Frances era o mais próximo que ele já chegara de ter uma amiga. Depois do exército, a mulher abriu uma agência de segurança em Chicago e estava indo muito bem. Tinha conexões em todos os lugares. Mas, agora, queria conversar. Aquela era a mensagem. Era a única forma de entrar em contato com um cara que vivia fora do sistema, mas que também ficava sem grana de vez em quando. O dinheiro era real. Ela não esperava que ele devolvesse. Uma coisa meio de irmã mais velha. Ou de irmã mais nova. Talvez ela tivesse pena dele.

Ele telefonou para ela de um telefone público em uma lanchonete.

- Ouvi um boato de um cara que conhece um cara que quer falar com você — disse ela.
- Por que eu? — perguntou ele.
- Precisam de um ex-soldado.
- Tem muitos por aí.
- Um ex-policia! militar, especificamente.
- Tem uma porrada de PMs aposentados.
- Estamos no século XXI — disse Neagley. — É claro que escreveram um programa de computador para vasculhar as bases de dados e a resposta foi você. Ou alguém como você.
- Por que eu estaria em uma base de dados?
- Estamos no século XXI — repetiu ela.

Dois dias depois, ele estava no Pentágono. Primeiro, no escritório de um general. Um cara impressionante, mas que não tinha nada específico a dizer, exceto dar o seu aval incondicional para o coronel que Reacher ia conhecer em seguida. Este também não tinha nada específico a dizer, exceto dar o seu aval incondicional para o cara de terno que Reacher ia conhecer no fim da linha. Sério. Tudo era real. Uma agência misteriosa da qual ninguém nunca tinha ouvido falar e nem ouviria. Onde o poder de verdade ficava. As pessoas que o Pentágono procurava para resolver os seus problemas.

O garoto por acaso tinha 30 anos, e Reacher gostou muito dele. Uma idade boa, Reacher lembrava bem. A energia infinita. A paixão. Além do mais, o cara era inteligente. E educado, mas de uma forma civilizada, não obsequiosa. Ele era da Geórgia, ou foi o que Reacher deduziu pelo sotaque e pela cadência da fala. Atlanta, talvez. Que nem o blues. Os ritmos do interior, endurecidos pela cidade. No geral, um cara bacana.

E com senso de humor.

- Precisamos esclarecer logo uma coisa — disse ele.

— O quê? — perguntou Reacher.

— A descrição da missão. Faz as pessoas rirem.

— Por quê?

— Porque eu quero que você entre escondido em Fort Knox.

— Entendi.

— Na verdade, quero que consiga um emprego lá. Não exatamente sob disfarce. De qualquer modo, eles sempre procuram gente como você. É quase garantido.

— Na parte de verdade ou na parte Disney?

— No depósito. Não tenho certeza de qual é o emprego exatamente. Me parece um negócio meio cerimonial. Tipo um ritual. Mas isso não importa. Como você disse, há mais em Knox do que os filmes mostram. No geral, é uma cidade de tamanho razoável. Com os problemas de sempre. Incluindo uma rede de agiotas. Que, como todas as redes, leva a um chefe. Um cara não muito legal. Gosta de quebrar pernas. Mas não as pernas dos que pegam dinheiro emprestado. Pode levantar suspeitas se o pessoal começar a faltar ao trabalho. Em geral, as pernas da esposa ou de um dos filhos. Reclamações nunca são feitas. Por dois motivos. Um, faz parte do negócio. Dois, por causa de quem é o chefe.

— Vocês sabem quem é?

— Sim, sabemos.

— Você fala como se isso fosse ruim.

— É um major chamado David Baldani. Ele é uma grande peça na cadeia de comando de lá. Ninguém se atreve a dizer nada. Nem quando o filho de 10 anos perde a temporada de futebol.

— Então, prenda o cara.

— Você sabe como são as coisas — disse ele. — Já estive nesse ramo. A coisa tem que estar mais fechada que o cu de um siri. Precisamos vê-lo fazendo uma ameaça. Sabemos que ele vai ao Burger King de vez em quando. É o lugar

perfeito para encontrar esposas ou filhos. Precisamos ver acontecer.

— Por que eu?

— Parte do algoritmo era baseada em uma nota no arquivo que diz que ajuda ser forte.

— Que emprego é esse?

— Aparentemente, tem a ver com as próprias barras de ouro. Que são pesadas. Acho que é um tipo de ritual de purificação. A coisa toda é um teatro, de qualquer forma. É um encantamento público. Literalmente, uma vez. Eles tiveram que abrir para exposição pública em 1974, acho. Antes de eu nascer.

— Eu estava lá — falou Reacher. — Um babaca começou um boato de que não havia ouro nenhum. Disse que era tudo mentira. As pessoas ficaram inquietas. Foi uma coisa visceral. Silenciosa, mas meio assustadora. Dava para ver que ia ficar feio. Então, começaram as visitas públicas. Estivemos em D.C. muito brevemente. Eu era moleque. Meu pai conhecia um cara na frente da fila. Foi incrível. As pessoas se sentiram melhor depois.

— Knox não mudou nada desde então — disse o garoto. — Há esplendor e majestade, e é um símbolo muito potente, mas aquilo lá ainda é um mundo totalmente analógico.

— Por mim, tudo bem — garantiu Reacher.

— A comandante é louca de pedra. É uma coronel de alta patente chamada Stephanie Lukather. Baldani é o oficial executivo dela. Ela insiste em chamá-lo de Dave em público. A opinião local está dividida sobre se isso é algo desrespeitoso ou carinhoso.

— Como ele recebe isso? Costuma ser uma pista.

— Descubra você mesmo — disse o garoto. — Baldani é o cara que contrata as equipes de purificação. É o posto dele. Você vai estar do lado dele o dia inteiro. Siga-o até o Burger King. Precisamos ver acontecer.

E foi assim que Reacher se encontrou limpando ouro e apertando a mão do novato, de quem ele precisava, porque

o anterior fora mandado embora do nada, sem explicação, mas, bem, assim era o exército. O trabalho não era física quântica, mas, mesmo assim, ajudava ter duas pessoas. O cara novo parecia aceitável. Talvez um pouco surpreso. Era um sujeito alto conhecendo alguém ainda mais alto. Também um pouco tenso. Talvez estivesse preocupado com alguma coisa. Disse que se chamava Jack Phineas Wolfe. Provavelmente, ex-militar, há muitos anos, o que parecia ser o fetiche de Baldani no que dizia respeito a contratações. O sotaque dele soava um pouco como o do garoto de terno, só que mais velho, então, de mais tempo atrás. Mais interior, menos cidade.

Ele começou com o papo de sempre sobre o peso. Todos os caras novos faziam isso. Como o ouro era pesado. Como o tempo que eles passaram na academia tinha sido desperdiçado. Aí, Baldani dava uma pequena palestra sobre as onças troy. O nome vinha de uma cidade chamada Troyes, na França. Era a forma como mediam os metais preciosos. Onças diferentes, quilos diferentes. Não dava para comparar.

No geral, Wolfe aprendeu o trabalho rápido o suficiente. Mas até um chimpanzé aprenderia. Não era nada recompensador. Tolerável como disfarce por um ou dois dias, mas até agora Reacher estava ali há onze. Quase no limite de atrair atenção. Mas Baldani ainda não tinha ido ao Burger King. Nem mesmo uma vez.

O horário de almoço estava se aproximando.

Reacher vivia na esperança.

E, uma vez na vida, foi recompensado. Pela primeira vez, Baldani não foi para o refeitório de sempre, trocando pelo restaurante fast-food que havia na base. Para onde as famílias iam. Como em uma cidade de tamanho razoável. Incluindo as multidões. Seguir Baldani foi fácil. Por um lado, Reacher tinha experiência e, por outro, Baldani tinha uma espécie de complacência arrogante, suarenta, como se nada pudesse dar errado na vida dele.

Reacher não era complacente. Como qualquer pessoa que tivesse servido em Berlim Ocidental. Macacos velhos eram sempre calejados. Por exemplo, sabiam que só porque você está seguindo alguém não quer dizer que não está sendo seguido. Acontecia o tempo todo.

E aconteceu naquele almoço. Reacher olhou para trás três vezes diferentes e, em todas, viu o cara novo vindo atrás. Ele era bom, mas não o melhor da história. Claro, não era de fato possível dizer quem ele estava seguindo. Era tudo uma linha reta. Talvez também estivesse atrás de Baldani. Talvez estivesse trabalhando em uma ideia diferente. Mais fechado que o cu de um siri era um patamar bem alto. Quanto mais provas, melhor. Talvez o garoto de terno tivesse mandado ele também.

Ou talvez não. Talvez outra pessoa o tivesse mandado. O cara não parecia um soldado. Certas palavras. Ele estava totalmente disposto a aceitar instruções, mas não tinha reflexos automáticos. Não como os de um militar. Era um pouco fechado. Tinha um segredo pessoal. Algo impossível quando se está trancado dentro de um tanque. O segredo já teria corroído ele há muito tempo.

No fim das contas, Reacher não tinha certeza de quem ele era. Também não se importava. Quanto mais, melhor. Tudo certo. Exceto que Jack Phineas Wolfe era um nome idiota para se inventar. Nem um pouco plausível. Nenhum pai que gostasse do nome Phineas colocaria Jack na frente. Era da natureza humana.

Adiante, Baldani entrou no Burger King. Era um restaurante grande, com três câmeras óbvias, o que significava pelo menos mais duas câmeras não tão óbvias, ambas identificadas e que podiam ser evitadas indo pela direita, depois pela esquerda e então sentando em um banco alinhado com uma lata de lixo grande, patrocinada de forma gritante por uma empresa de refrigerante.

Pelo canto dos olhos, Reacher viu o assim chamado Jack Phineas Wolfe assumir sua posição atrás da lata de lixo

seguinte. Que era patrocinada por outra empresa.

Dentro do restaurante, Baldani caminhou entre as mesas. Em direção ao fundo. E foi lá que tudo deu errado. Pelo menos no primeiro segundo, Reacher supôs que tudo tinha dado errado. Para os dois. Tanto ele quanto Baldani. Porque, sentada a uma mesa no fundo, estava Stephanie Lukather. A coronel de alta patente louca. Pela primeira vez na vida, ela queria um hambúrguer. Bem naquele dia. Uma coincidência terrível. Baldani ia ter que abortar o plano. Ia ter que inventar uma desculpa e se retirar. Nada aconteceria. Nada seria visto. Onze dias sem nada a relatar.

Mas não.

Nada tinha dado errado. Tinha dado certo. Baldani se sentou diante de Lukather. Olharam um para o outro de forma específica. Um pouco com o coração na boca, mas principalmente ensaiado. Já tinham feito isso antes. Baldani colocou as mãos no casaco e tirou dois envelopes de lá. Um com um maço de dinheiro. Tamanho e forma inconfundíveis. Notas de dólar, quase 5 centímetros de grossura. Baldani passou o envelope para o outro lado da mesa. Lukather pegou.

O segundo envelope não tinha quase nada. Só uma coisinha dura, perto do canto, pesada o suficiente para escorregar quando o envelope foi virado. Mais ou menos do tamanho de uma bala de Magnum .45. Só que mais achatada. Familiar. Estava na ponta da língua. Como uma pergunta em um programa idiota da TV. Ele ficaria doido consigo mesmo quando dissessem a resposta.

Baldani passou de novo o envelope. Lukather pegou.

Pelo canto dos olhos, Reacher viu o homem conhecido como Jack Phineas Wolfe sumir. Ele mesmo ficou onde estava por mais um minuto. Acima de tudo, estava irritado. Era todo um novo tipo de circo. Já não tinha a ver com preencher lacunas em uma acusação padronizada. Isso exigiria uma nova investigação. Podia levar um bom tempo.

Ele voltou para as sombras e começou a caminhar, uma rota diferente dessa vez, um pouco mais longa, só que mais interessante, incluindo um ponto com uma esquina e, então, um beco escondido, onde ele entrou sorrateiramente e esperou até o tal Jack Phineas Wolfe aparecer, olhando para a frente, um pouco ansioso.

Reacher parou atrás dele.

— Opa — cumprimentou.

Wolfe se virou.

— Ah, oi — disse.

Todo tipo de coisa na cara dele. Nenhuma malícia ou traição de verdade. Aliás, havia uma indicação de tristeza de que coisas assim fossem necessárias. No fundo, um homem honesto.

— O que você viu? — perguntou Reacher.

— Vi?

— Lá dentro.

Wolfe moveu as mãos, como se ensaiasse uma frase, e adicionou rosto e olhos, como se quisesse se comunicar em todos os níveis. Por um segundo, Reacher pensou que as únicas sílabas que podiam se encaixar no movimento eram: *Eu vi você observando Baldani*.

— Eu vi Baldani — respondeu o outro.

— Fazendo o quê?

— Entregando dois envelopes a Lukather.

— Conteúdos?

— Muito dinheiro no primeiro.

— Certo — confirmou Reacher.

— Um pen-drive no segundo.

Burro, pensou Reacher. Ele sabia disso.

— Não sei quem você é, e não quero saber — falou Reacher em voz alta. — Mas suponho que estamos do mesmo lado. Então, me faça um favor. Pelo menos me diga o seu nome.

Ele começou a responder Jack Phineas Wolfe.

— Não, não é — falou Reacher, interrompendo Trent no meio da fala.

— Will Trent — respondeu o cara.

3

DE VOLTA AO COFRE, Will cuidadosamente limpou a poeira da última fileira de barras de ouro no estrado. A luz vinda do teto fazia a logo do Tesouro e os números de série dançarem pelo metal amarelo. Dentro da máscara de Will, a respiração tinha passado do ponto de condensação. As luvas brancas de algodão estavam grudadas a suas mãos suadas. Lukather tinha razão sobre o glamour do trabalho acabar rápido. As costas de Will deram um espasmo quando ele levantou duas barras, se virou e passou-as a Reacher.

Não havia descanso. Reacher tinha duas mãos e uma delas ainda estava vazia. Não que Will pensasse nelas como mãos. Eram mais como forquilha de uma empilhadeira, pois como era possível que o bíceps de um ser humano pegasse quase trinta quilos de ouro em cada mão como se estivesse levantando barras de manteiga?

Will pegou mais duas barras, girou e carregou outros trinta quilos na forquilha livre. Chacoalhou os braços enquanto Reacher, rápido demais, empilhava as barras dentro do cofre. O Megatron não estava nem suando. Os ossos do ombro de Will, por sua vez, estalavam que nem pratos tocados por um macaquinho de brinquedo.

Se ele não soubesse que o cara tinha cometido um assassinato que levou 22 anos para chegar ao fim, Will teria admirado o vigor dele. E suas habilidades de vigilância também. Reacher era basicamente do tamanho de um carro, mas conseguira evitar com destreza as câmeras de segurança em frente ao Burger King. Não havia como

Baldani ou Lukather saberem que estavam sendo observados.

Era importante para Will saber *por que* os dois estavam sendo observados?

Ele não tinha esperado encontrar Reacher como participante de um coro de igreja. O homem era um assassino, então fazia sentido que ele estivesse atrás de falcatruas. Pode ser que o ex-PM quisesse uma fatia de qualquer que fosse o esquema de Baldani ou Lukather. Um daqueles envelopes estava cheio de dinheiro. Will supôs que o exército pagasse tão bem quanto a AIG, ou seja, todos eles estariam melhor se estivessem fazendo hambúrguer em uma lanchonete qualquer. Reacher tinha saído do serviço há anos. Vivia a vida de um mendigo do século XXI. Will não conseguiu encontrar um registro de propriedade de uma casa ou um carro. Sua única posse parecia ser uma escova de dentes e, para falar a verdade, ela devia ser uma fábrica de germes por ficar guardada no bolso suado de trás da calça dele o dia todo.

Will abaixou e levantou mais duas barras. Girou, colocando-as na palma da mão esticada de Reacher, depois virou de novo, lembrando-se silenciosamente:

O agente Phillip Michael Deacon nunca tinha abraçado o neto. Nunca mais tinha visto o filho jogar bola. Nunca mais tinha beijado a esposa...

Will passou outras duas barras. Tinha sido um risco revelar seu nome a Reacher. Mas Will sabia que o cara não ia sacar o telefone e buscá-lo no Google. Mendigos não tinham celulares. Mas precisavam de dinheiro. Quinze dólares por hora era mais do que a maior parte dos americanos podia esperar por um trabalho árduo que acabaria em incapacitação ou morte, mas Reacher era um criminoso, e criminosos costumavam ter formas mais fáceis de ganhar dinheiro. Então, a pergunta era: por que Reacher seguiu Baldani? Estava tentando se meter em qualquer que fosse o esquema que tinha rendido aquele envelope gordo de

dinheiro? Ou queria dar porrada no cara da mesma forma que Will?

E Lukather ainda levava aquela situação para outro nível.

Mas isso era problema dela, não de Will.

As negociações suspeitas na base não faziam parte da missão dele. O único motivo para ele estar ali era coletar provas que colocaria Jack Reacher no corredor da morte.

Em 1997, os testes de DNA eram novidade, caros demais para serem usados pela maioria das unidades policiais. Agora, era possível praticamente arrancar um pum de um rasgo em uma poltrona de vinil e processá-lo em um dia. Ou, outro exemplo, era possível extrair DNA das três gotas de suor seco que caíram há mais de 22 anos nas páginas de um livro chamado *Um guia dos pássaros do sudeste dos Estados Unidos*.

O especialista em papéis da AIG conseguira extrair um perfil completo da página de abertura do “Capítulo 16: Beija-flores — Lindos guerreiros do quintal”. A base de dados não tinha mostrado uma combinação porque a biometria de Jack Reacher não constava no sistema. O passo seguinte mais óbvio era convencer um juiz a assinar um mandado obrigando Reacher a dar uma amostra de seu DNA, mas nem o juiz mais patriota dos Estados Unidos assinaria aquela linha pontilhada.

A cadeia de evidências não era um problema. Will tinha o registro das provas da filial da AIG em Dry Branch afirmando que o livro era posse do Estado desde 16 de abril de 1997, o dia em que Phillip Michael Deacon levou um tiro. Tinha a guia de remessa da editora e os registros da transportadora provando que o livro chegara à biblioteca de Margrave na manhã daquele dia. Tinha o relatório forense de 1997 confirmando que as únicas digitais identificáveis tinham sido encontradas na capa do livro e pertenciam à bibliotecária. Tinha um depoimento jurado da bibliotecária testemunhando, sob pena de falso testemunho, que o

Estranho 1, que também era o Estranho 2, era o único cliente que ela já tinha visto mexendo no livro.

O que Will não tinha era a fundação legal para forçar Jack Reacher a entregar seu DNA.

No ramo policial, Will tinha chegado ao que chamavam de *Paradoxo Combinação-Chave*, algo mais ou menos assim: digamos que um bandido tenha guardado provas incriminatórias em um cofre. Se o cofre abrir através de uma combinação, a polícia não pode forçar o homem a entregar a senha. Porém, se o cofre precisar de uma chave para ser aberto, os policiais podem obrigá-lo a dar a chave.

Os tribunais extrapolaram esse raciocínio de *conteúdos da mente* a tudo, desde abrir seu telefone com a digital a usar biometria para destravar seu computador. No que dizia respeito à produção de provas contra si mesmo, o *si mesmo* por excelência era a pessoa física. Seus pensamentos, como lembrar uma combinação ou uma senha, pertenciam apenas a você. Suas digitais, seus olhos, seu rosto, o formato das suas orelhas, sua forma de andar e, acima de tudo, seu DNA — isso tudo era só seu, e os tribunais nunca iam usá-los contra você sem uma ótima causa.

Para a sorte de Will, havia outras formas de coletar legalmente o DNA de um suspeito.

— Baldani — chamou Reacher.

Will olhou para o corredor em busca do major, mas o babaca ainda estava lá fora fazendo uma pausa para um cigarro com o restante da equipe de limpeza.

Pelo que parecia, Reacher estava tirando a própria folga. O homem não dissera uma palavra por duas horas, mas, agora, puxou a máscara cirúrgica branca para baixo. Apoiou-se no batente da porta, com os braços cruzados no que devia ser um peitoral de 125 centímetros.

Will puxou a própria máscara.

— O que tem o Baldani?

— Fiquei pensando se vocês sabem mais sobre ele do que a gente.

— Você primeiro — disse Will, sem saber ao que o homem se referia.

— Nós sabemos que o major é líder de uma rede de agiotas que funciona na cidade inteira — contou Reacher. — Ele quebra pernas de menininhas. Foi por isso que fui mandado para cá. E você?

Will não forneceu uma justificativa para a sua presença.

— A Lukather faz parte da jogada.

A afirmação era óbvia, porque os dois tinham visto a coronel pegar o envelope, mas, em vez de apontar isso, Reacher arrancou as luvas estouradas e colocou-as no bolso de trás.

Will pensou sobre o algodão absorvendo o suor das mãos de Reacher. A escova de dentes nojenta com todo aquele DNA glorioso no meio das cerdas. Se Reacher se livrasse de qualquer um desses itens — jogasse no lixo, deixasse em um banco de parque, abandonasse no portão do forte —, aí Will poderia pegá-los e testar o DNA dele de forma legal.

— Dois envelopes. Um cheio de dinheiro — disse Reacher.

Will entrou no jogo.

— Baldani queria que Lukather recebesse os envelopes na frente de todo mundo. Lugar público, um monte de câmeras e testemunhas.

— Um seguro — falou Reacher. — Destruição mútua garantida.

Will sentiu câimbra no pescoço. Não estava acostumado a precisar olhar para cima durante uma conversa. E a forma como Reacher puxou as luvas de algodão e começou a forçá-las a entrar de novo nos seus dedos grossos mostrava que ele também tinha entendido que Will não lhe seria muito útil.

O que era ruim.

Will logo considerou suas opções. A escova de dentes ainda estava no bolso traseiro das calças, uma área perto da qual seria desaconselhável ficar por muito tempo. Reacher não tinha substituído as luvas por outras novas e,

julgando pelo seu encardido, limpeza não era uma prioridade. A máscara cirúrgica não ia a lugar algum. Reacher não estava bebendo água em uma garrafa. Não fumava nem mascava chiclete. Não cuspia. Não havia cortes na sua pele, e, de qualquer maneira, o cara provavelmente sangrava fluido hidráulico. Para coletar uma amostra de DNA descartada sem o conhecimento ou consentimento de Reacher, Will teria que ficar por perto e esperar que ele cometesse um erro.

— Acho que nós devíamos dar uma olhada naquele pen-drive — sugeriu Will.

Reacher não foi contra o *nós*, mas parou de colocar as luvas, esperando pelo resto.

— Não quero fazer uma grande operação nem nada, mas Lukather é responsável por todo o ouro dentro deste prédio. — Ele esperou, mas Reacher não mordeu a isca. — Baldani é um fantoche. Lukather é quem está puxando as cordas. Talvez isso seja maior que agiotagem e pernas quebradas. O pen-drive pode...

Reacher abaixou e pegou uma das barras. O metal brilhou, transformando o rosto dele em amarelo. Ficou de pé. Mostrou a barra para Will, como se não houvesse outras zilhões de onde veio aquela. Disse:

— Uma vez, vi um filme do James Bond com um carro feito de ouro. O peso me faz pensar como ele saía do estacionamento.

Ele se referia ao Rolls-Royce de Auric Goldfinger. O Will adolescente tinha estudado aquele carro com mais atenção do que qualquer *Playboy*, e por períodos de tempo bem mais longos.

— Era um Phantom III de 1937. O último V12 até o Silver Seraph. Chassis de mola helicoidal, mola semielíptica na traseira. Os freios teriam que ser reforçados, mas o homem tinha os recursos para isso.

— Me disseram que gastava sete quilômetros por litro na velocidade máxima. Digamos que você gaste uns trinta

passeando pelo interior. Sem contar o torque extra necessário para carregar o ouro.

— E o guarda-chuva. — Will começava a entender o argumento. — No tanque cabe o quê, uns 95 litros?

— Eu soube que eram uns 149,5.

Will calculou as estatísticas.

— Caramba.

— Um de nós vai ter que bater no Baldani — disse Reacher.

Will sentiu as sobrancelhas levantarem quase até a linha do cabelo.

— Aí, o outro entra para apartar a briga.

Will mal podia esperar para ouvir o resto do plano.

— Baldani vai correr para a coronel — explicou Reacher. — Ela vai querer falar com o acusado e a vítima. Vai nos separar. Um no escritório dela, o outro em uma sala diferente, para garantir que as nossas histórias batem.

— E?

Reacher empilhou o ouro dentro do cofre.

— O pen-drive vai estar em algum lugar do escritório. Ela só pode falar com um de nós por vez. Quem quer que acabe na sala dela precisa procurar. De preferência roubar, mas não me oponho a só olhar o que tem dentro para garantir que ela não esteja planejando tornar o ouro da nação radioativo pelos próximos 57 anos.

— Foram 58, para ser exato. — Will via um furo enorme no plano. — Ela vai expulsar a gente. Isso se não acabarmos no calabouço.

— Calabouço é em um castelo. Seríamos confinados à prisão militar, capitão Wolfe. — Reacher não se apegou ao erro. — Lukather me falou que vai sair daqui no mês que vem, com aposentadoria integral. Está a um, talvez dois dias de quebrar seu último recorde de limpeza do ouro. Somos os melhores funcionários dela. Ela quer sair por cima. Acredite em mim, ela vai nos dar uma advertência

séria e depois nos colocar de volta ao trabalho. É o exército. O que for melhor para o oficial é o que vale.

Will pensou sobre isso.

— Qual é a nossa história?

Reacher deu de ombros.

— O Baldani é um babaca.

Ele não estava errado.

— Vou dar um tapinha naquele cara. O suficiente para fazer ele sangrar — disse Reacher.

Will sabia que devia haver uma forma mais fácil de entrar no escritório da coronel, mas havia uma parte do plano que o atraía muito.

— Eu bato no Baldani.

— Melhor ser eu.

— Não, sério, deixa comigo. — Ele sentiu uma onda de ansiedade no dorso da mão que usava para dar socos. — Precisamos assustar o cara, não fazer a mandíbula dele sair rolando em volta do pescoço.

Reacher não discutiu, o que faz Will se lembrar da grande capacidade para a violência que existia dentro de Jack Reacher. Ele era um ex-policial que tinha atirado duas vezes na cabeça de outro policial. Quando um homem cruzava essa barreira, era mais fácil cruzar a próxima e, depois, a próxima. Jack Reacher provavelmente tinha passado os últimos 22 anos pisando em todas as fronteiras que apareciam à sua frente.

— Ei, merdinhas. — Baldani anunciou sua volta batendo as botas pelo corredor como um cavalo. — Fechem a matraca e voltem ao trabalho.

Will esperou que o homem chegasse mais perto e deu um soco na cara dele.

Lukather andava de um lado para o outro atrás da escrivaninha, a boca uma linha fina e irritada.

— Quer me dizer o que diabo aconteceu entre você e o Baldani?

Will baixou os olhos para as mãos. Não estava tentando mostrar arrependimento, mas esconder seu choque. Um soco tinha levado Baldani à nocaute, mas os nós dos dedos de Will continuavam intactos. Não estavam nem vermelhos. Será que o homem não tinha dentes?

— Soldado?

Will se forçou a olhar para cima.

— Está querendo passar um tempo na solitária?

Will percebeu a ameaça nas palavras dela. Calabouço ou prisão militar, toda a sua missão iria para o espaço se ele acabasse atrás das grades.

— Peço desculpa pelos meus atos, senhora. Não vai acontecer de novo.

— Pode ter certeza que não. — Ela abriu o botão superior da jaqueta. Ele conseguiu ver um rio de suor rolando pelo pescoço dela. — Quando eu falei que você era problema, não quis dizer desse tipo.

Ela tinha mais a dizer, bem mais, só que Will desligou a voz dela, pensando no pen-drive. Julgando pelo formato no envelope, tinha mais ou menos o tamanho de um dedão. Havia duas entradas de USB atrás do computador de Lukather. Will supôs que o sistema estivesse protegido por senha, então, não ia dar para espiar o conteúdo do drive ali. Não que ele tivesse dado muita importância a essa possibilidade. A cena mais inacreditável de qualquer filme de ação era a parte em que Tom Cruise enfiava o pen-drive no computador e ele encaixava na primeira tentativa.

— Wolfe. — Lukather bateu os dedos na escrivania, chamando de volta a atenção dele. — Pode me explicar, em poucas palavras, por que bateu no Baldani?

Will seguiu o plano.

— Ele é um babaca.

— Ele foi um babaca da primeira vez que esteve aqui e você não deu um soco nele. — Ela se inclinou sobre a mesa,

frustrada. — Dave disse que estava andando pelo corredor, cuidando da própria vida, e você atacou do nada.

Will lembrou da última discussão que teve com a namorada.

— Já me disseram que, para um homem inteligente, eu faço umas merdas muito idiotas.

— Pelo amor de... — Ela olhou para o teto como se a mancha de infiltração pudesse oferecer uma resposta. Obviamente, não podia. Ou, pelo menos, não a resposta que ela estava querendo. — Fique aqui.

Will ouviu a porta bater atrás dele. Passos pesados no corredor. Outra porta foi aberta e, depois, fechada. Ela estava checando a história dele com Reacher, como previsto.

Será que ele também estava certo sobre o pen-drive?

Will se levantou da cadeira e ficou na ponta dos pés, usando a cabeça para abrir um dos painéis no teto. A lanterna do celular mostrou fezes de rato, o sifão do chuveiro de cima e alguns tubos PEX que estavam vazando porque algum idiota usara encaixes de pressão para ligá-los a tubos galvanizados.

Isso explicava por que os painéis de madeira estavam cedendo.

Ele inclinou a cabeça para baixo e deixou o painel voltar ao lugar. Considerou as outras opções. Os armários de arquivo estavam trancados. Não havia quadros na parede. A única coisa que ele encontrou atrás do relógio foi o mecanismo dos ponteiros. O lugar que sobrava para procurar era a mesa de Lukather. Começou pelas gavetas, onde caixas de canetas e grampos extras estavam alinhadas com precisão militar. Abriu cada uma, mas encontrou apenas canetas e grampos. A bola de elásticos estava cheia de elásticos. A caixa de absorventes era uma caixa de absorventes. O saco gigante de Skittles estava cheio de Skittles.

Ele seguiu para as pilhas de arquivos em cima da escrivaninha, folheando as páginas com cuidado, tentando manter as margens alinhadas enquanto procurava pelo envelope com uma protuberância típica do USB. Apalpou embaixo da cadeira dela. Então, checkou as outras duas cadeiras. Balançou o porta-lápis e a caixa de cliques de papel e encontrou lápis e cliques de papel.

Não havia nem fiapos.

Will comeu alguns Skittles enquanto colava o ouvido à porta. Reacher estava levando bem mais tempo que ele para contar a sua versão dos acontecimentos. Ou Lukather estivesse conversando com Baldani. Ou talvez estivesse esperando os policiais militares chegarem e arrastarem Will para a prisão, porque Reacher era um cara mau, mas também era um cara esperto, e basicamente tinha convencido Will a dar um soco em um major do exército americano.

Will voltou à mesa. Tentou se colocar no lugar de Lukather. Quando isso não deu certo, abriu de novo as gavetas, mas, desta vez, passou a mão pela parte de baixo delas.

Bingo.

Os dedos de Will encontraram a beirada de um envelope grudado do lado de baixo da gaveta de arquivos. Ele se ajoelhou. Usou a lanterna do celular para olhar melhor. O envelope branco estava preso com fita crepe. Pelo formato ele percebeu que era o envelope errado. Lukather tinha guardado o dinheiro embaixo da mesa. Pelo menos 10 mil, tudo em notas novinhas de cem, não as de dez e vinte de gente desesperada, o que queria dizer que o dinheiro da agiotagem tinha sido lavado.

Onde estava o pen-drive?

— ... me jogou em um monte de merda. — Lukather estava no corredor. A maçaneta girou, mas a porta não abriu. — Isso parece um problema meu ou seu, cabo?

Houve uma resposta gaguejada antes de alguém sair correndo pelo corredor.

Will estava sentado quando ela entrou.

Lukather deu uma boa olhada nele, certa de que havia algo de errado, mas incapaz de dizer o quê. Colocou a cabeça de volta no corredor.

— Reacher, aqui dentro.

Reacher pareceu sentir dor só de pensar em entrar naquela sala abarrotada. Foi forçado a encostar o queixo no pescoço. Esperou Lukather se sentar, e então espremeu seu corpo monstruoso na cadeira de plástico ao lado de Will. Ainda tinha que se inclinar sob o teto baixo. Se estivesse lendo um jornal, ia parecer o Incrível Hulk cagando.

Lukather balançou para trás na cadeira. Tinha aberto a jaqueta toda e estava suando em bicas agora.

— Dave, arrasta essa bunda pra cá.

A porta já estava aberta, mas Baldani a bateu contra a parede. Will teve que olhar duas vezes. Parecia que um canibal tinha vomitado na cara do homem.

— Ok, meninos. Hora de fazer as pazes — disse Lukather. Baldani se recusou.

— Que porra é essa?

— *Eu* sou a porra aqui, major — respondeu Lukather, e disse para Will: — Não vou gastar o meu tempo mandando você se desculpar, mas quero que mantenha as mãos quietas daqui para a frente. Entendido?

Will assentiu, porque sabia que, se abrisse a boca, ia acabar sorrindo. Esta era uma das muitas armadilhas de se infiltrar com bandidos: ele estava adorando aquilo. Lukather não era a única pessoa que ia acabar com ele se aquilo desse errado. Will tinha uma chefe de verdade na Geórgia que arriscara o próprio pescoço para colocar Jack Wolfe dentro de Fort Knox.

Ele se repreendeu em silêncio: *Pare com essa merda. Pegue o DNA. Comprove que é de Reacher. Prenda o assassino de policiais.*

Will pigarreou.

— Entendido.

— Vai se foder, soldado. — Baldani não ia aceitar aquilo. — Coronel, você sabe que isso não é certo.

— Eu sei que preciso fazer o que é certo para o depósito. — Lukather tentou fazê-lo ser racional. — Dave, existe a chance de a gente terminar o trabalho amanhã se mantivermos esses caras. Sem eles, vamos ficar limpando por outros dois dias, talvez mais. Preciso dessa tarefa finalizada. Você e eu temos coisas melhores para fazer.

— Merda. — O lábio de Baldani estava tão inchado que ele começou a falar com dificuldade. — Foda-se o recorde. Temos mais duas semanas para terminar e não precisamos de problemas agora. *Especialmente* nesse momento.

Ela lançou um olhar de aviso a ele.

— Cuidado.

— *Coronel*. — Os olhos de Baldani pularam entre Reacher e Will. Ele estava indo muito mal em não falar sobre o que não devia estar falando. — *Não* precisamos de *problemas*. Você tem *certeza* disso?

— Como o Kilimanjaro crescendo que nem o Olimpo acima do Serengeti. — Ela balançou para trás na cadeira. A jaqueta tinha embolado. Will viu o canto de um envelope branco saindo do bolso interno.

O pen-drive.

— A hora do recreio acabou, senhores. — O tom curto e grosso de Lukather mostrava que não havia espaço para discussão. — Dave, certifique-se de que o meu carro está abastecido. Reacher, Wolfe, vocês vão ficar no cofre até o final do turno. Dali, vão direto para as suas acomodações, onde ficarão confinados até vinte minutos antes do início do turno de amanhã de manhã, quando se apresentarão no lobby e serão acompanhados de volta ao cofre para continuar o trabalho. Quando esse trabalho estiver finalizado, Deus queira que amanhã à noite, nunca mais quero ver a cara de nenhum dos dois na minha base. Está claro?

Ninguém respondeu.

Ela ajeitou a jaqueta. O envelope desapareceu.

— Preciso de um “Sim, senhora” de todo mundo nesta sala que precisa balançar o pau depois de mijar.

A resposta combinada dos três foi uma harmonia de resignação e desprezo.

— Sim, senhora.

4

TRENT E REACHER VOLTARAM ao cofre e ao trabalho. *Clink, clink.* Um ritmo rápido. *Os melhores funcionários dela.*

— O pen-drive ainda estava no envelope — falou Will.
— E o envelope, dentro do bolso interno da jaqueta. Vi o canto. Não dava para chegar perto sem ser acusado de assédio.

— O que tinha nele? — perguntou Reacher.

— Não sei. Acabei de falar, não consegui chegar perto.

— Especule — falou Reacher. — Como exercício mental. Finja que é policial. Obrigue-se a pensar como um detetive.

— Dados.

— Sobre?

— Não sei.

— Ligados aos empréstimos ou a outra coisa?

— A outra coisa — disse Will. — Se fosse uma cópia eletrônica das contas, estaria no mesmo envelope do pagamento da porcentagem dela.

— Excelente — elogiou Reacher. — Você é bom nisso. Devia considerar como uma profissão.

— Obrigado.

— Então, que tipo de outra coisa poderia ser?

— Algo secreto, imagino.

— Com que fim?

— Vender, talvez. Ela com certeza é corrupta. Disse que está planejando se aposentar. Talvez queira um pé-de-meia.

— Que tipo de segredo?

— Bem, em Fort Knox, acho que há uma resposta óbvia — falou Will.

— É, só que foi Baldani que deu o pen-drive. Como isso é possível? Lukather deve saber mais sobre a segurança daqui. Ela é a comandante. Isso é o exército. Garanto que Lukather sabe mais coisa que Baldani. Então, o pen-drive não é sobre a segurança de Fort Knox. É outro segredo, algo que Baldani traz de baixo. O que talvez limite um pouco as possibilidades.

Eles trabalharam por um minuto. *Clink, clink.*

— Onde ela vai vender? — perguntou Reacher.

— Em algum lugar longe. Ela mandou Baldani abastecer o carro.

— E quando vai vender?

— Assim que puder, acho. Guardou dentro do bolso interno da jaqueta. Que parece um lugar muito protegido, de uma forma íntima, mas também temporária. Como se fosse precioso, mas não tivesse que ficar lá por muito tempo.

Eles trabalharam mais um minuto. *Clink, clink.*

— Nós vamos terminar este trabalho amanhã — disse Reacher.

— É por isso que ela deixou a gente ficar. Você tinha razão.

— Vamos estar fora da base. Se quisermos saber o que ela está fazendo, temos que descobrir hoje.

— E queremos?

— Esse negócio pode durar para sempre. Odeio compromissos longos. Melhor resolver tudo hoje.

— Melhor para você.

— E quando vocês querem fazer? Hoje é a noite certa. Podemos pegar ela com a boca na botija. Continue o exercício mental. Finja que é algum tipo de agente da lei que está fingindo não ser. Você concordaria que precisamos agir rápido.

— Se eu fosse agente da lei, provavelmente diria que não temos meios legais de alcançar esses objetivos. Estamos confinados aos nossos quartos hoje, e não temos carros, isso para não mencionar mandado ou jurisdição.

— Aqui é o Kentucky — contrapôs Reacher. — Sem dúvida tem algum preceito anulatório.

— Ela vai colocar um guarda no hotel.

— Dois, com certeza. Um na frente, outro atrás. Vamos precisar de ambos.

Eles jantaram cedo, Reacher comendo com algum zelo, obedecendo ao seu lema, que era comer sempre que fosse possível, porque você nunca sabia quando seria a sua próxima refeição. Trent, em comparação, comeu avidamente. Reacher ficou com a impressão de que ele tinha passado fome em alguma época da vida. Talvez quando criança.

Aí, saíram pelos fundos. O guarda era um tenente da polícia militar, com um uniforme de serviço novo, um revólver no cinto, uma boina na cabeça e uma expressão amigável no rosto, quase jocosa, como se não houvesse nós e eles, só soldados, e a babaquice de sentinela fosse apenas uma formalidade, como um fingimento.

Reacher deu um gancho de direita no queixo dele. Então, pegou a arma. Aí, amarrou o cara com silver tape tirada de um armário de serviço. Will Trent não gostou daquilo. A polícia iria atrás deles, com certeza. Talvez até um advogado de direitos humanos.

Então, Reacher atravessou o lobby e fez o mesmo com o guarda da frente. Duas armas, agora. Aí, roubou o carro deles. Um Charger verde desmazelado, tanque cheio. Entrou direto e deu partida. Trent estava a uns três metros de distância. Eles se falaram pela janela.

— Tem uma coisa do Supremo Tribunal. Eles chamam de necessidade imperfeita — contou Reacher. — Pode ser ok cometer um pequeno crime para impedir um crime maior.

— Pode ser?

— Com certeza depende. Esse pessoal é advogado. Quer continuar trabalhando.

Trent não respondeu.

— Estou indo agora— falou Reacher. — Não posso correr o risco de perdê-la.

Trent entrou no carro.

Lukather saiu da base trinta minutos depois, enquanto o sol estava se pondo. Mas não só ela. Baldani estava no banco da frente. E logo atrás havia outro carro com quatro caras enormes. Então, Reacher, com Trent no banco do passageiro, a uns cem metros distância, em um carro verde desmazelado, uma cor escolhida sobretudo por ser barata, mas era barata porque havia muito dela disponível, uma economia em escala, e havia muito disponível porque, por várias décadas, não houve outra cor que funcionasse para se confundir com o cenário, especialmente no pôr do sol. Portanto, vigilância fácil. Era uma parte do país com estradas longas que não levavam a lugar algum. O trânsito podia ficar parado por horas. O carro era uma belezinha. Cheio de gasolina, ótimo GPS, escopetas e uma enorme quantidade de munição nove milímetros.

— Minha estimativa de preço continua aumentando — disse Will. — Ela está dirigindo uma distância longa demais com quatro brutamontes para protegê-la. Portanto, tem algo muito valioso aí. O que significa que o contato vai ser alguém lá em cima da hierarquia.

— Está interessado agora? — falou Reacher.

— Como exercício mental.

— Se o contato dela estiver lá em cima na hierarquia, vai ter os próprios brutamontes. É coisa de status. Se ela está levando quatro, ele vai ter cinco ou mais.

— Não vamos poder chegar perto.

— Concordo que vai ser um desafio.

Logo antes de a viagem ultrapassar 150 quilômetros, Lukather encostou em um estacionamento em frente a um

bar de beira de estrada. O carro de trás parou depois dela. Reacher seguiu até o próximo prédio à vista, talvez a uns trezentos metros de distância, que acabou sendo uma loja de artigos militares que vendia o que quer que você quisesse, desde que quisesse com pintura camuflada. Estava fechada. Reacher estacionou ali e eles caminharam de volta.

O bar de beira de estrada era um estabelecimento comercial. Aberto a qualquer pessoa. Mas não de verdade. Um daqueles lugares. A única forma de Lukather poder se sentir confortável ali era entrar acompanhada de cinco caras. Até Reacher teria recebido olhares. Que ele teria devolvido, e que talvez fossem devolvidos de novo, porque era aquele tipo de lugar e, depois disso, ia depender de quem estava em maior número. Mais seguro ficar do lado de fora e olhar pelas janelas.

Eles viram Lukather sentar a uma mesa em frente a um homem pálido. Um rosto duro e sem expressão. Completamente vazio, após uma vida inteira ensaiando. Russo, sem dúvida. Tinha cinco homens atrás dele. Os quatro de Lukather estavam enfileirados atrás dela. Baldani se sentava ao lado, com outro russo, como chefes de gabinete.

Lukather deu o pen-drive para o cara pálido.

O cara pálido assentiu.

Dois dos seus homens colocaram maletas na mesa. Maletas um pouco maiores do que seria permitido carregar em um avião.

— Tudo bem — sussurrou Reacher. — Vimos a transação. Agora precisamos fazer isso de um jeito justo e eficiente. Certo?

— Beleza — sussurrou Will de volta.

— Justo no sentido de que vamos nos limitar apenas a reações estritamente proporcionais e em legítima defesa. Certo?

— Beleza — repetiu Will.

— Eficiente no sentido de que atacamos primeiro. Antes de eles estarem prontos.

— Isso não é legítima defesa.

— Pense no plano geral.

— Meu Deus — disse Will.

— Não se preocupe com as letras miúdas. Só me ajude como um bom colega de trabalho. Pode acabar não dando em nada, de qualquer jeito. Não quero brigar. Estou esperando que eles se rendam rapidinho. De verdade.

No entanto, eles não se renderam. O plano era que Reacher ia se alinhar com a janela do canto e Trent entraria de fininho, e as duas linhas de fogo divergentes podiam forçar o grupo de treze a encostar na parede lateral perto dos fundos. Ali, amontados, eles levantariam as mãos e desistiriam.

Não aconteceu assim. Um dos russos viu Reacher pelo vidro. O cara disparou na mesma hora. Explodiu a janela e errou por trinta centímetros. Reacher atirou de volta pelo buraco estilhaçado e matou o cara. E depois outro. E outro. Nesse ponto, o fogo cruzado ficou constante e sério. Aparentemente, sério o bastante para disparar algum tipo de alarme de emergência exigente no raciocínio embotado de Trent. De repente, ele começou a atirar da lateral. Depois disso, ficou mais fácil. Só que confuso. Baldani caiu no chão. Ileso. Estava apenas se escondendo. Aí, uma bala perdida ricocheteou e quebrou um suporte, e um extintor de incêndio caiu na cabeça dele. Tinha homens caindo a torto e a direito.

Reacher entrou pela janela, que já estava toda quebrada e estilhaçada. Só um buraco na parede. Trent entrou disparando pela porta. Os sobreviventes se recolheram no canto mais ao fundo. Começaram a pensar em levantar as mãos. Reacher estava em cima deles.

Então, de repente, Lukather correu em direção à porta. Apenas Trent no seu caminho. Que reagiu de forma perfeita.

Na mesma hora, sem pensar, balançou o punho na direção da cara dela.

Depois, reagiu de forma imperfeita. Algum tipo de instinto cavalheiresco tardio entrou em ação e fez com que ele parasse o soco. Bateu no nariz de Lukather. Forte o suficiente para ser notado. Forte o suficiente para ser irritante. Mas não forte o suficiente para apagá-la.

Lukather rugiu, furiosa, e deu um grande gancho de direita que pegou Trent na orelha e o fez girar. Enfiou o cotovelo no rim dele. Estava alinhando um golpe do antebraço na garganta do homem quando o instinto cavalheiresco desapareceu de repente, e ele deu o soco que devia ter dado desde o início. Bem na boca da coronel, levantando uma névoa de sangue e jogando-a de costas no chão.

Reacher deu de ombros e assentiu.

Tipo, bom trabalho, não dá para negar.

Trent arrastou Lukather até o lado de Baldani. O que os deixou com duas formas inconscientes, além do cara pálido e dois dos seus capangas, todos os três acordados, mas mal-humorados. Eles tinham os pen-drives e as maletas. Que Trent abriu. Passou os dedos pelo comprimento e a largura, contando, e fez a conta de cabeça.

— Um milhão de dólares em cada — disse.

— Coloque o pen-drive em uma delas — falou Reacher. — Depois, feche de novo. Deixe as duas perto da porta. Tudo de valor no mesmo lugar.

Trent fez isso.

— Você vai roubar? — perguntou.

— Que palavra feia.

— Vai?

— Consegue me impedir?

— Não tenho certeza.

— Tenho certeza que não — respondeu Reacher.

— Ok — falou Will.

— É claro que não vou roubar — disse Reacher. — São provas. O problema é descobrir para quem ligar. Não para a

delegacia de polícia local. Isso não. Nesse fim de mundo, faria a cabeça deles explodir. Se é que existe uma delegacia aqui. Também não para os PMs lá em Knox. Acabei de socar dois deles na cara. Vão começar com uma visão preconceituosa. Além disso, esse esquema é grande. Russos e tudo mais. Dinheiro em maletas. Acho que devíamos ligar direto para o Pentágono.

Menos de uma hora e quarenta minutos depois, tudo estava limpo. Reacher tinha dado um testemunho jurado. Trent também. Os prisioneiros foram acusados formalmente. As provas físicas foram ensacadas e levadas. Os rabeções estavam a caminho. Reacher e Trent dirigiram de volta no carro verde desmazelado. Praticamente 150 quilômetros. Praticamente em silêncio.

5

QUANDO WILL CHEGOU AO depósito na manhã seguinte, descobriu que o turno da noite tinha trabalhado a madrugada inteira. Aparentemente, as engrenagens continuavam a girar mesmo sem Lukather e Baldani. As duas portas do cofre que tinham estado abertas no dia anterior estavam firmemente trancadas agora. Fitas voltaram a ser penduradas nelas. As páginas com os números de série estavam nos envelopes plásticos. Duas novas portas estavam escancaradas. Duas fileiras de barras de ouro já estavam em um dos estrados.

Lukather estava certa sobre uma coisa. Eles conseguiriam acabar hoje se estabelecessem um bom ritmo.

Will ouviu um *clink* familiar de ouro batendo em ouro dentro do cofre. Reacher já pegava no batente, o que não era de todo inesperado. Algo dizia a Will que, apesar dos acontecimentos da noite anterior, Reacher não era o tipo de homem que deixava um trabalho pela metade.

Ele não desistia fácil.

— Bom dia — disse Will.

Reacher acenou com a cabeça enquanto colocava o ouro no estrado. Sozinho, tinha passado a pegar três barras em cada mão, o que era humilhante para Will, que precisava das duas mãos para levantar uma barra de oitenta quilos. E isso em um dia bom.

Reacher empilhou o ouro, depois voltou ao cofre para pegar mais.

Will fez uma careta ao colocar as luvas de algodão. Os nós dos dedos estavam acabados. Hematomas se espalhavam

pela pele como borrões de tinta. Se o promotor precisasse de uma impressão dos dentes da coronel Lukather, Will poderia fornecer. Sua política *nunca bata em uma mulher* tinha ido para o espaço no segundo em que a coronel atingiu a orelha dele e enfiou um cotovelo surpreendentemente pontiagudo no seu rim.

Ele esperou Reacher ajoelhar perto do estrado, depois entrou no cofre e pagou duas barras com as próprias mãos. Quando virou, viu a escova de dente saindo do bolso traseiro.

As cerdas. O cabo. O plástico. Tão bom quanto uma esfregada da mucosa bucal em um kit de teste de DNA.

Reacher se levantou. Entrou no cofre. Will posicionou as suas duas barras. Eles ficaram indo e voltando, se esticando, e pegando, e ajoelhando, e empilhando, sincronizados como uma correia dentada virando manivelas e cilindros.

Will repassou mentalmente o que tinha acontecido no bar na noite anterior. Tentou ver todos os ângulos. Por que Reacher se envolveria em algo assim? Tinha arriscado a vida, a saúde, e por quê? Não pelo dinheiro nem pelo pen-drive. Will não teria conseguido impedir o homem de pegar as duas coisas e sair do bar. Mas Reacher não apenas tinha permanecido por lá como dado um testemunho voluntariamente.

Aquele não era comportamento de um criminoso. Era mais de um policial. E Reacher *fora* policial, mas também tinha virado as costas para a lei.

Will nunca se sentira em um conflito tão grande.

Este era o problema de Jack Reacher: ele era um bandido que, às vezes, fazia coisas boas. Com o seu estilo de vida itinerante, Will pensava em Reacher como um James Bond americano — não o Bond dos filmes, mas o Bond dos livros, que estava um nível acima de um lutador de rua. Não havia M para temperar a sua ferocidade. Reacher não tinha licença para matar. Nem aleijar. Nem para atirar no joelho

das pessoas, que era uma coisa muito cruel de se fazer, até mesmo com um gângster.

No pensamento de Will, Reacher era o pior tipo de criminoso. Não porque fosse do tamanho de um carro, mas porque era esperto. Tinha a esperteza das ruas, era obviamente culto e também metódico e estratégico de uma forma que o colocava no um por cento do topo da classe criminosa. Na maioria dos casos, a única coisa a favor dos policiais era que os bandidos tendiam a ser extremamente burros.

Jack Reacher não era burro.

Will deu as costas.

— Você ligou para os seus superiores? — perguntou Reacher.

Will virou de novo.

— Para falar do quê? — perguntou.

— Do pen-drive — disse Reacher. — Está no sistema agora. É prova.

— Não — falou Will.

— Liguei para o Departamento de Investigações Criminais. Através do Comando de Investigação Criminal do Exército.

— Reacher ainda estava dentro do cofre. A máscara estava puxada para baixo. Ele se apoiou no batente da porta, cruzou os braços em frente ao peito que parecia um bloco de concreto. — Eles são os responsáveis por investigar isso, capitão Wolfe.

— E?

— Números de serviço — disse Reacher. — Acontece que a esposa do major Baldani trabalha no RH do exército, bem aqui na base. O que costumavam chamar de departamento pessoal. Ela faz o download de números de serviço de soldados mortos. Pelo menos 2 mil até agora.

— Baldani era casado com uma mulher humana?

— Ela não reportava as mortes, então os novos donos dos números do serviço poderiam receber todo tipo de benefício.

Will não ia fingir que sabia o que era um número de serviço.

Reacher ajudou ele de novo.

— É a versão militar de um número de previdência social. Todos os soldados têm um. Seu tempo de serviço fica ligado ao número, e os benefícios são baseados nisso. Estamos falando de pensão, auxílio-doença, privilégios de portabilidade, empréstimo para pequenos negócios, financiamentos domésticos pela Associação dos Veteranos, assistência educacional, seguro de vida e o TRICARE, que é o seguro de saúde. Com um desses números, sua vida está feita.

Will sentiu um frio na barriga. Lukather não tinha apenas tentado vender a identidade daqueles soldados. Tinha tentado vender o serviço deles.

— Estimo que o conteúdo do pen-drive podia valer dezenas de milhões no mercado negro. Só havia 2 milhões nas maletas. Lukather se vendeu barato.

Will ficou feliz de saber que a mulher ia passar um bom tempo atrás das grades. Não havia dinheiro suficiente para os veteranos de verdade. Quando um deles explorava o sistema parecia alta traição.

Reacher começou a colocar de novo a máscara, mas Will o interrompeu com uma pergunta.

— Por que você largou o emprego?

Reacher esperou.

— Você era PM. Sei que saiu do exército, mas o trabalho fica impregnado em você. Não dá para se livrar dele. Por que nunca voltou para o lado certo da lei?

— Não dá para ficar o tempo todo no frio.

Ele estava citando Le Carré.

— Não me faça eu me apaixonar por você.

— Não gosto de ficar preso atrás de uma mesa — respondeu Reacher.

— Há várias formas de ser policial sem ter que ficar sentado atrás de uma mesa.

— Se infiltrar em Fort Knox, por exemplo? — indagou Reacher.

Sem resposta.

— Você nunca foi militar — disse Reacher. — Não está aqui por causa de Baldani ou Lukather. Está atrás de outra pessoa. É da Geórgia, acho. Talvez de algum departamento de polícia local.

— AIG — confirmou Will. — Agência de Investigação da Geórgia. Um caso arquivado.

— Me diga o que quer saber.

Will pensou nas suas opções, que se resumiam a duas. A primeira: tentar agarrar a escova de dentes e ter a cara quebrada em mil pedaços. A segunda: falar a verdade e torcer pelo melhor.

— Já ouviu falar de uma cidade chamada Margrave? — perguntou a Reacher.

— Sul de Atlanta.

Will esperou. Quando Reacher não disse mais nada, ele o estimulou:

— Dezesesseis de abril de 1997.

Reacher continuou esperando.

— O policial Phillip Michael Deacon levou dois tiros na cabeça em frente à biblioteca pública de Margrave. Uma testemunha ocular coloca um estranho puxando um gatilho. Um estranho cuja descrição é exatamente igual à sua.

— Eu não estava em Margrave nessa data — disse Reacher.

— Tenho o DNA de um livro da biblioteca que prova o contrário.

Reacher não pareceu preocupado.

— Que livro?

— *Um guia dos pássaros do sudeste dos Estados Unidos.*

A boca de Reacher se contorceu em algo que podia ser um sorriso.

— Beija-flores significam alguma coisa para você? — indagou Will.

— Eles podem ser ferozes. Se houver um valentão no comedouro, ele assusta os outros pássaros ou tenta perfurá-los com o bico. É melhor matar o valentão o mais rápido possível. Proteger os pássaros mais fracos antes que todos morram de fome.

Will entendeu o argumento, mas disse:

— A polícia forense pegou o DNA de três gotas de suor seco nas páginas do capítulo sobre beija-flores.

— A escova de dentes — disse Reacher. — Eu estava me perguntando por que você não parava de olhar para a minha bunda.

Will entendeu que era a sua vez de esperar por mais informações.

— Você falou com a testemunha? — perguntou Reacher.

— Morreu dormindo há dois anos. Causas naturais.

Reacher assentiu, como se fosse assim que precisava ser.

— O que você sabe sobre Phillip Deacon?

— Um homem de família. Passou 21 anos da vida dentro do uniforme, depois outros 22 dentro de uma camisola hospitalar. Ele sobreviveu aos tiros, mas ficou em coma até dois meses atrás. Morreu de pneumonia.

— Entendo — disse Reacher. — Convertendo, assim, a acusação de tentativa de homicídio de um oficial em homicídio doloso qualificado. Um caso para o estado da Geórgia.

— Um caso de pena de morte.

Reacher começou a arrancar as luvas em trapos.

— Já ouviu falar de Blind Blake?

— O cantor de blues?

Reacher fez que sim.

— Meu irmão me falou que Blake morreu em Margrave. Na verdade, morreu em Wisconsin, mas nunca tive a chance de contar a ele.

Devagar, Will começou a se apoiar contra a parede. Teve um pensamento fugidio de que talvez Reacher estivesse

tirando as luvas para matá-lo de porrada com as próprias mãos.

— A testemunha dos tiros, o nome dela era Beatrice Collins — disse Reacher. — Foi estuprada violentamente por Deacon. E apanhou feio. Duas vezes. E ele tinha deixado claro que ia fazer de novo. Disse para ela que gostou muito. Que sentiu um prazer especial.

Foi como se Will tivesse levado um soco no estômago.

... uma esposa, um filho adolescente e uma filha casada, esperando o primeiro neto dele... um estuprador violento que aterrorizara uma mulher, provavelmente não só uma, porque Deacon tinha um distintivo, uma viatura e um chefe que sempre fazia vista grossa...

— No primeiro estupro, Beatrice foi boba o suficiente de fazer uma queixa direto para o delegado — informou Reacher. — No segundo, foi duplamente boba de voltar ao delegado. Ele mandou Deacon resolver o problema. Melhor para todo mundo calar a boca da mulher.

Os dentes de Will começaram a doer de tanto que ele apertava a mandíbula.

... O neto de Deacon teve sorte de nunca ter sido abraçado pelo avô. Seu filho teve sorte de nunca mais ter jogado bola com ele. Sua esposa teve sorte de Deacon nunca mais ter beijado ou estuprado ela, nem atacado outra mulher...

— Descobri tudo isso depois — explicou o militar. — Minha amiga Neagley estava começando uma agência de investigação. Foi o primeiro caso dela. Fez um relatório completo. Por acaso, meu irmão estava em Margrave na época. Trabalhando. Parecia muito comigo. Na verdade, era 2,5 centímetros mais alto e um pouco mais magro, mas você teria que ver a gente lado a lado para perceber a diferença. Ele também era do exército. Parecia um cara certinho. Parecia o Cavaleiro Solitário chegando à cidade. Beatrice Collins pediu ajuda a ele. Ela não queria causar problema. Só queria que aquilo acabasse. Eles iam se

encontrar na biblioteca. Lugar público. Território neutro. Ela estava assustada. Não. Apavorada. Era uma garota de uma cidade pequena sem dinheiro e sem ter para onde ir. A polícia não ia ajudar. O delegado uma vez disse que ele mesmo a estupraria se ela contasse para mais alguém sobre o caso.

Will sabia que aquele delegado escroto e corrupto era exatamente o tipo de homem que manteria um estuprador na folha de pagamento.

— Estou supondo que o delegado tenha feito Beatrice mentir no testemunho sobre os tiros. Mas isso já foi há duas décadas. O companheiro dela não mencionou nada. Estavam juntos há quinze anos.

— Às vezes, as vítimas não falam sobre essas coisas, mesmo com os seus companheiros. Querem deixar para trás. Não querem que ninguém tenha pena delas ou, pior, serem culpadas pelo que aconteceu. “Policia! herói é acusado de estupro por caixa de supermercado que tem passagem pela polícia por ter roubado o carro do tio quando jovem.” De que lado acha que a cidade ficaria?

Will não podia discutir. As pessoas eram babacas.

— Dezesseis de abril de 1997.

Reacher enfiou as luvas de algodão no bolso traseiro.

— Beatrice se atrasou para chegar à biblioteca. Estava nervosa. Dá para entender. Meu irmão estava esperando do lado de fora quando ela chegou. Deacon encostou para atender à ligação da bibliotecária. Agarrou Beatrice e tentou forçá-la a entrar no banco traseiro da viatura. Meu irmão não gostou daquilo.

— E atirou na cabeça de Deacon.

— Beatrice falou a Neagley que a arma disparou por acidente.

— Duas vezes — disse Will. — Um belo acidente.

Reacher não explicou a inconsistência.

Era nesse ponto que a filosofia de Will e Reacher divergiam.

— A maioria das pessoas que é assassinada não é boa gente — disse Will. — Tem um motivo para estarem em uma situação ruim.

— Pode ter certeza disso.

— Mas assassinato ainda é assassinato. “Ele merecia morrer” não é uma defesa válida no estado da Geórgia.

— Ouvi falar que ainda pega bem no Texas.

— E se o seu irmão estivesse errado sobre Deacon? E se Beatrice tivesse mentido?

— Ele não estava errado, e ela não tinha mentido.

Will não ia dar um sermão a um paramilitar sobre a imoralidade arrogante do paramilitarismo.

— Seu irmão matou um cara a sangue-frio.

— Não existe essa coisa de sangue-frio — respondeu Reacher. — O sangue é sempre quente, até certo ponto. Um policial foi impedido de estuprar uma mulher pela terceira vez. Talvez de fazer até algo pior. E assim adiante, por todo o futuro.

Will não falou nada.

— De qualquer forma, meu irmão está morto — contou Reacher. — Foi assassinado um mês depois. Também em Margrave, por sinal. Sem dúvida ligado ao que tinha acontecido lá um mês antes. Então, você não vai achar o seu homem, não importa o quanto tente.

— Não encontrei nenhum relatório...

— A delegacia de Margrave não mantém relatórios dos crimes que seus policiais cometiam — disse Reacher. — Àquela altura, meu irmão trabalhava para o Tesouro. Já era uma figura de peso. Eles levaram o corpo e limparam a bagunça. Uma semana depois, foi como se nada nunca tivesse acontecido.

Will estudou o rosto de Reacher buscando sinais de mentira, mas não importava. Os dois sabiam que ele não estava mentindo.

— DNA familiar — falou Reacher.

O cara não tinha um celular, mas sabia que as similaridades nos cromossomos Y de dois homens diferentes podiam ser usadas para estabelecer uma relação sanguínea.

— Só sobrei eu na família. Sei que o meu irmão era um homem bom. Não quero ver o nome dele na lama. Mas você deixou bem claro que não vai largar o caso. E não quero me meter no trabalho de um policial honesto. Não é a minha. Então, toma.

Reacher segurava a escova de dentes.

As cerdas estavam amassadas depois de ficarem tanto tempo no bolso traseiro. Will olhou para o pedaço minúsculo do cabo saindo da mão gigante de Reacher.

A coisa certa a se fazer seria coletar a prova, seguir a lógica da investigação até o fim e fechar o caso. Will sabia que a sua chefe diria isso. Assim como sabia que ela *também* diria que era um desperdício de tempo e dinheiro continuar trabalhando em um caso em que o suspeito e a vítima estavam mortos, além do fato de ele ser um estuprador brutal.

Havia uma razão para Bond precisar de uma M.

Will cruzou os braços, deixando a escova de dentes no lugar.

— Você não acha anti-higiênico manter uma escova de dentes no bolso o dia inteiro?

Reacher guardou a escova de volta.

— Essa está errada. Em geral, elas vêm com uma caixa. Ou os hotéis dão uma de graça na recepção. Tipo, todo dia você pode pegar uma nova direto da embalagem. Não se preocupe com os meus padrões pessoais.

— Claro. — De repente, Will ficou envergonhado de estar dando um sermão sobre higiene quando, naquela mesma manhã, tinha comido um punhado de Skittles de Lukather derretido pelo suor no seu bolso.

Reacher começou a tarefa, digna de Sísifo, de colocar as luvas de algodão.

Will se abaixou e pegou duas barras de ouro.

— O que você acha que vai acontecer com Lukather?

Reacher pegou seis barras, três em cada mão, e esperou Will empilhar as dele.

— É uma boa pergunta. Ouvi dizer que ela já entregou Baldani. Ouvi dizer também que vão oferecer um acordo para ela testemunhar sobre o esquema todo.

— Por quê? Não precisam dela para fechar o caso. Os dois foram pegos em flagrante. Ele têm o pen-drive, o dinheiro e o bandido do bar. — Will tentou não gemer enquanto levantava as duas barras de ouro. Pensou sobre o hábito de Baldani de jogar cigarros no chão. As bitucas estavam cheias de DNA. Ele podia levá-las de volta à Geórgia. E se o banco de dados mostrasse alguma coisa, melhor ainda.

De repente, ele parou. Perguntou a Reacher:

— Há quanto tempo você está trabalhando aqui?

— Doze dias. — Reacher desapareceu dentro do cofre. — Por quê?

— Você trabalha rápido.

— Tento merecer meu pagamento.

— Portanto, viu muito ouro. — Will voltou a empilhar as barras. Todas tinham o mesmo selo do Tesouro dos Estados Unidos, os números individuais provavelmente iguais aos números nos envelopes plásticos pendurados nas fitas das portas.

Números que não tinham sido conferidos com as barras de ouro lá dentro.

Barras de ouro que tinham sido pesadas com fiapos de algodão soltos e fios de cabelo que alterariam o número na balança em algumas onças a cada vez.

— É estranho — disse Will. — Mas posso jurar que já vi esses números de série antes. No caso, ontem, no outro cofre.

— Você viu um monte números — afirmou Reacher, e empilhou as barras em cima das de Will. — Cada um com seis dígitos. Você e eu empilhamos e reempilhamos 38.492

barras de ouro até agora. São 615.872 números inteiros. Literalmente trilhões de combinações potenciais.

Will só pôde acreditar na palavra dele. Ele era bom em matemática, mas não era um computador. No entanto, tinha uma memória incrivelmente boa para números, e essa memória estava dizendo que os números nas barras eram familiares.

— Eu podia jurar — falou.

— Você é bom com números?

— Estranhamente bom.

— Qual era o número da penúltima barra que empilhou?

Will recitou dezesseis dígitos de cor. Rápido e confiante. E correto.

Reacher estava checando em silêncio, também de cor. Pelo jeito, ele também era bom com números.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — disse Reacher.

— O quê?

— Você é bom em leitura?

Will não respondeu.

— Essas coisas muitas vezes não andam juntas — comentou Reacher. — Conheci uns caras. Um deles era capaz de dizer a raiz quadrada da distância da Terra ao sol, mas não conseguia ler uma linha.

— Você consegue? — perguntou Will.

Reacher assentiu.

— Tive sorte. Leio muito bem.

Will não respondeu.

— Concordo com você sobre os números — falou Reacher.

— Isso me faz pensar. Em primeiro lugar, sobre como você chegou aqui.

— Através de umas conexões da chefia.

— Como ele sabia onde eu estava?

— Ela.

— Como?

— Coloquei o seu nome no sistema — explicou Will. — Um caso arquivado.

— O sistema da AIG, né? Orgulhosamente local. Mas estamos no Kentucky.

— Alguém ligou uma coisa com a outra.

Reacher assentiu.

— Agora, estou pensando em quem — disse. — Acho que talvez um garoto de terno. Onde fica o poder de verdade. Que talvez não esteja mais nas agências com três letras. Hoje em dia, pode estar nas equipes do Congresso. Que estão em todos os tipos de subcomitê de inteligência. Talvez um deputado da Geórgia. A metade local do cérebro dele quer ver a AIG ir bem, então dá uma mãozinha com informação da metade federal do cérebro dele.

— O que nos leva a uma enorme pergunta — falou Will.

— Exato. Por que mandar você aqui em pessoa? Uma equipe da SWAT do Kentucky podia ter resolvido esse problema. Eu podia ter sido extraditado. O que são mais alguns meses? Seu caso já tem 22 anos. Ou os PMs podiam ter me pegado. Por que a sua presença é necessária, com esse trabalho idiota como disfarce?

Will não respondeu, mas estava começando a achar que sabia.

— Exatamente — falou Reacher. — Porque você é bom com números. Talvez tente esconder, mas não consegue. Eles sabem. Eu também. Eles não escreveram o programa para achar um cara forte. Escreveram para achar um cara bom com números.

Will ficou quieto por um momento. Então, disse:

— Você sabia que o cofre só foi aberto ao público uma vez?

— Em 1974 — respondeu Reacher. — Aliás, o garoto de terno mencionou isso. Um advogado do distrito federal chamado Peter David Beter divulgou uma teoria de que o ouro tinha sido removido pelo Estado paralelo.

— Ah, o Estado paralelo. Esses caras estão em todas.

— Faça as contas — disse Reacher. — Tem 350 bilhões de dólares em metais preciosos aqui, mas a dívida nacional é

de mais de 20 trilhões. É menos que dois centavos de cada dólar. — Reacher empilhou as barras. — Este ouro é só um símbolo. Aparentemente, um símbolo bom o suficiente por ora. Com base na memória popular de 1974. Mas se as pessoas achassem que mesmo metade desses cofres tenha sido esvaziada desde então, toda a economia dos Estados Unidos, e até do mundo, entraria em queda livre. Haveria rebeliões nas ruas. Os bancos abririam falência.

Will passou por Reacher no caminho para o estrado. Estavam de volta à correia dentada.

— O que eu faria é criar um efeito dominó.

Reacher entendeu o que o outro quis dizer.

— As equipes noturnas levam o ouro duas portas adiante. Aí, levamos mais duas portas adiante no dia seguinte. Mesmo ouro. Ocultação dupla. Nenhuma equipe sabe o que a outra está fazendo.

Will levantou do estrado. Seu rim gritou por causa do machucado do tamanho de um cotovelo. O suor formou um rio nas suas costas. Faltavam pelo menos mais seis horas.

Ele disse:

— Fomos mandados para cá para descobrir.

— De acordo — falou Reacher. — Um deputado obscuro da Geórgia se esforçou muito para nos trazer aqui, para a gente... saber, eu acho... que as reservas de ouro da nação estão terminantemente vazias, e que isso está sendo escondido através de um jogo de cartas marcadas. Acho que, por algum motivo, o cara quer ao menos uma pessoa no mundo com esse conhecimento.

— Duas.

— Só um de nós devia sobreviver. Ou você ia me prender, ou eu ia te matar e fugir. Aliás, ele não se importava com isso. Estava cobrindo as suas apostas.

— Além de Lukather — disse Will. — Ela deve saber. Estava no comando. Provavelmente, definiu a forma como os dominós deviam cair para ninguém conseguir descobrir a

verdade. É assim que está conseguindo se livrar do crime. Está trocando o silêncio pela liberdade.

— Imagino que sim — concordou Reacher. — Então, agora, há três pessoas que sabem.

— A pergunta é: por quê? — falou Will. — Quero dizer, tudo bem, estamos lá, no mundo, com esse conhecimento. E então? O que devemos fazer com isso?

Nenhum dos dois sabia.

*Confira a seguir o Prólogo e o primeiro
capítulo
do próximo livro de Karin Slaughter*

A última viúva

A ÚLTIMA VIÚVA

Karin Slaughter

“Estamos condenados a repetir o passado, não importa o que aconteça. Isso é estar vivo.”

KURT VONNEGUT

PARTE UM

Domingo, 7 de julho de 2019

PRÓLOGO

MICHELLE SPIVEY CORREU PELOS fundos da loja, olhando freneticamente cada corredor em busca da filha, pensamentos apavorantes dando voltas no seu cérebro: *Como pude perdê-la de vista eu sou uma péssima mãe meu bebê foi sequestrado por um pedófilo ou um traficante de pessoas será que eu deveria alertar a segurança da loja chamar a polícia ou...*

Ashley.

Michelle parou tão de repente que o sapato guinchou no piso. Respirou fundo, tentando forçar o coração a voltar a bater no ritmo normal. Sua filha não seria vendida como escrava. Estava no balcão de maquiagem experimentando amostras grátis.

O alívio começou a se dissipar enquanto o pânico se instalava.

Sua filha de 11 anos.

No balcão de maquiagem.

Mesmo ela tendo proibido Ashley, sob qualquer circunstância, de usar maquiagem até fazer 12 anos, e, depois disso, só blush e brilho labial, não importa o que as amiguinhas estivessem usando, e fim de papo.

Michelle levou a mão ao peito. Caminhou devagar pelo corredor, dando tempo a si mesma para voltar à forma de uma pessoa sensata e racional.

Ashley examinava tons de batom de costas para Michelle. Ela girava os tubos com experiência, porque, é claro, quando estava com as amigas, experimentava todas as

maquiagens delas, praticando umas nas outras, pois era aquilo que garotas faziam.

Pelo menos algumas. Michelle nunca teve vontade de se arrumar. Ainda se lembrava dos gritos estridentes da mãe quando se recusou a raspar as pernas: *Você nunca vai conseguir usar meia-calça!*

Ao que Michelle respondia: *Graças a Deus!*

Aquilo fazia anos. Havia tempos que a mãe dela tinha partido. Michelle era uma mulher adulta com a própria filha e, como toda mulher, tinha jurado não repetir os erros da mãe.

Será que ela estava exagerando?

Será que, através de suas tendências pouco femininas, estava punindo a filha? Será que Ashley já tinha idade suficiente para usar maquiagem, e Michelle, não tendo interesse algum por delineadores, corretores e pelo que mais Ashley passasse horas vendo no YouTube, estava privando a filha de uma espécie de rito de passagem para a vida adulta?

Michelle pesquisara sobre marcos juvenis. Os 11 anos eram uma idade importante, um ano considerado fundamental, o ponto em que as crianças conquistavam quase cinquenta por cento do poder. Era preciso começar a negociar com elas em vez de simplesmente dar ordens. Algo que era bastante razoável na teoria, mas aterrorizante na prática.

— Ah! — disse Ashley ao ver a mãe, e enfiou o batom desesperadamente de volta ao mostruário. — Eu só estava...

— Tudo bem — falou Michelle, acariciando o cabelo comprido da filha. Tantos frascos de xampu no chuveiro, e condicionador, sabonetes e hidratantes, quando a única rotina de beleza de Michelle envolvia protetor solar à prova d'água.

— Desculpe — pediu Ashley, limpando o gloss da boca.

— Ficou bonito — elogiou Michelle.

— Sério? — Ashley sorriu para ela de um modo que tocou cada fibra do coração da mãe. — Você viu esse? — perguntou, referindo-se ao mostruário. — Tem um com uma corzinha, para durar mais. Mas este tem sabor de cereja, e Hailey diz que os ga...

Michelle completou as palavras em silêncio: *Garotos gostam mais.*

Os diversos Hemsworth nas paredes do quarto de Ashley não haviam passado despercebidos.

— De qual você gostou mais? — perguntou Michelle.

— Bem... — Ashley deu de ombros, mas uma garota de 11 anos tinha muitas opiniões formadas. — Acho que os de cor duram mais, certo?

— Faz sentido — respondeu Michelle.

Ashley ainda estava avaliando as duas opções.

— O de cereja tem gosto de produto químico. Sabe, eu sempre fico mastigando... Quero dizer, se usasse, provavelmente, ficaria mastigando porque ia me incomodar...

Michelle assentiu, contendo o sentimento que fervia dentro dela: *Você é bonita, é inteligente, é tão divertida e talentosa, e só deveria fazer coisas que a deixem feliz, pois é isso que atrai os garotos que valem a pena, os que se interessam por garotas felizes e seguras.*

— Pegue o que preferir, e eu dou um adiantamento da sua mesada — falou Michelle.

— Mãe! — gritou ela, tão alto que as pessoas olharam. Em seguida veio uma dancinha que estava mais para Tigrão do que para Shakira. — É sério? Mas vocês tinham dito...

Vocês. Michelle impediu um grunhido. Como explicar aquela reviravolta repentina quando haviam concordado que maquiagem só depois dos 12 anos?

É só um gloss!

Ela vai fazer 12 anos em cinco meses!

Eu sei que concordamos que não seria antes do aniversário, mas você deixou que ela tivesse um iPhone!

Esse era o segredo. Desviar a discussão para o iPhone, porque quis o destino que aquela bomba estourasse nas mãos dela.

— Deixa que eu cuido da chefia. É só um gloss. Mais nada. Leve o que deixar você feliz.

E aquilo a deixou feliz de verdade. Tão feliz que Michelle se viu sorrindo para a mulher na fila do caixa, que sem dúvida entendia que o tubo cintilante de Sassafras Yo Ass! cor-de-rosa não era para a mulher de 39 anos usando shorts de corrida e um boné de beisebol que prendia seu cabelo suado.

— Isso... — disse Ashley, tão empolgada que mal conseguia falar. — Isso é demais, mãe. Eu te amo muito, e vou ser responsável. Mesmo.

O sorriso de Michelle deve ter apresentado os primeiros sinais da batalha perdida que tinha pela frente enquanto começava a colocar as compras em sacolas de pano.

O iPhone. Ela precisava desviar o assunto para o iPhone, porque também havia sido um acordo, mas, então, todos os amigos de Ashley apareceram no acampamento de verão com um aparelho daqueles e o *De jeito nenhum* se transformou em *Eu não podia deixar que ela fosse a única criança sem um iPhone* enquanto Michelle estava fora em uma conferência.

Ashley agarrou as bolsas feliz da vida e foi para a saída. Já havia pegado o iPhone. O polegar deslizava pela tela enquanto convocava as amigas para contar sobre o gloss, talvez prevendo que, em uma semana, estaria de sombra azul e traçando aquela curva no canto dos olhos que deixava as garotas com cara de gatinhas.

Michelle, no entanto, começava a pensar em catástrofes.

Ashley poderia contrair conjuntivite, terçol ou blefarite se dividisse maquiagem para os olhos, o vírus da herpes simples ou da hepatite C através do gloss e do delineador labial, isso sem falar do risco que corria de arranhar a córnea com um pincel de rímel. Alguns batons não

continham metais pesados e chumbo? Estafilococo, estreptococo, E. coli. Mas que merda passou pela cabeça de Michelle? Ela podia estar envenenando a própria filha! Milhares de estudos comprovavam que havia contaminantes no solo, enquanto poucos, relativamente falando, sugeriam a correlação indireta entre tumores cerebrais e telefones celulares.

Na frente, Ashley ria das respostas das amigas. Ela balançava as sacolas, agitada, ao atravessar o estacionamento. Ela tinha 11 anos, não 12, e 12 ainda era tão jovem, não? Porque a maquiagem enviava um sinal. Deixava implícito um interesse em provocar interesse, que era uma coisa terrivelmente não feminista de se falar, mas aquele era o mundo real, e sua filha ainda era um bebê que não sabia nada sobre recusar atenção indesejada.

Michelle balançou a cabeça em silêncio. Uma bola de neve. De brilho labial para MRSA e Phyllis Schlafly. Ela precisava controlar seus devaneios para que, quando chegasse em casa, conseguisse apresentar uma explicação razoável por ter comprado maquiagem para Ashley quando haviam feito um juramento solene de pais de não comprar.

Como fizeram com o iPhone.

Ela enfiou a mão na bolsa, procurando as chaves. Estava escuro do lado de fora. A iluminação externa não ajudava, ou talvez ela estivesse ficando velha e precisasse de óculos — velha o suficiente para ter uma filha que queria mandar sinais para garotos. Em poucos anos, ela já poderia ser avó. A ideia fez seu estômago dar um salto mortal em um barril de ansiedade. Por que não comprara uma garrafa de vinho?

Olhou para Ashley, para ver se a filha não tinha trombado em um carro ou caído de um penhasco enquanto digitava.

Michelle ficou boquiaberta.

Uma van parou ao lado da menina.

A porta lateral se abriu.

Um homem saltou.

Michelle agarrou as chaves. Correu até a filha.

Começou a gritar, mas era tarde demais.
Ashley saía em disparada, como a ensinaram a fazer.
O que não foi problema, pois o homem não queria Ashley.
Queria Michelle.

UM MÊS DEPOIS

Domingo, 4 de agosto de 2019

1

Domingo, 4 de agosto, 13h37

SARA LINTON SE REPOSTOU na cadeira.
— Sim, mãe — murmurou.

Ela se pôs a imaginar se algum dia chegaria o momento em que estaria velha o suficiente para não levar bronca da mãe.

— Não use esse tom condescendente comigo — disse Cathy, sua raiva pairando sobre a mesa da cozinha enquanto ela debulhava vagens em cima de um jornal. — Você não é como a sua irmã. Não é inconstante. Teve o Steve no colégio, depois o Mason, por motivos que ainda não consigo entender, e o Jeffrey. — Olhou por cima dos óculos. — Se escolheu ficar com o Will, então fique com o Will.

Sara esperou que a tia Bella acrescentasse alguns homens à lista, mas a mulher se limitou a brincar com o colar de pérolas no pescoço enquanto bebericava o chá gelado.

— Seu pai e eu passamos quase quarenta anos casados — falou Cathy.

— Eu nunca disse... — falou Sara.

Bella fez um som que soava como algo entre uma tosse e um espirro de gato.

Sara ignorou o alerta.

— Mãe, o Will acabou de se divorciar. Eu ainda estou tentando me estabelecer no novo emprego. Estamos aproveitando a vida. Você deveria ficar feliz pela gente.

Cathy partiu uma viagem como se quebrasse um pescoço.

— Já não basta você ter saído com o Will enquanto ele ainda era casado?

Sara respirou fundo e prendeu o ar.

Olhou o relógio acima do fogão.

Eram 13h37.

Parecia meia-noite, e ela nem tinha almoçado ainda.

Ela expirou devagar, concentrando-se nos odores maravilhosos que tomavam a cozinha. Abrira mão da tarde de domingo para aquilo. Frango frito esfriando no balcão. Torta de cereja assando no forno. Manteiga derretendo na panela de pão de milho. Biscoitos, ervilha, feijão, suflê de batata doce, bolo de chocolate, torta pecã e sorvete duro o suficiente para dobrar uma colher.

Seis horas diárias na academia durante a semana seguinte não compensariam o dano que estava prestes a infligir ao seu corpo, mas a maior preocupação de Sara era se esquecer de levar as sobras para casa.

Cathy partiu outra viagem, arrancando Sara de seu devaneio.

Gelo tilintou dentro do copo de Bella.

Sara escutou o cortador de grama no quintal dos fundos. Por razões que ela não conseguia compreender, durante o fim de semana, Will se oferecera para ser jardineiro de sua tia. Sua pele vibrava como um diapasão só de imaginar ele ouvindo sem querer qualquer parte daquela conversa.

— Sara — chamou Cathy, respirando fundo e bem alto, antes de retomar ao ponto em que havia parado. — Você está praticamente morando com ele. As coisas do rapaz estão no seu armário. O barbeador e os produtos de higiene estão no banheiro.

— Ah, querida — falou Bella, dando um tapinha na mão de Sara. — Nunca divida o banheiro com um homem.

Cathy balançou a cabeça.

— Seu pai vai ter um enfarto.

Eddie não iria morrer, mas também não ficaria contente, assim como nunca ficara com nenhum dos homens que

queriam namorar a filha.

E era por isso que ela estava mantendo a relação em segredo.

Ou pelo menos era parte do motivo.

Tentou conseguir uma vantagem.

— Sabe, mãe, você acabou de admitir que xeretou a minha casa. Tenho direito à privacidade.

— Ah, minha linda, é tão fofo da sua parte pensar assim.

— Bella estalou a língua.

— Will e eu sabemos o que estamos fazendo — disse Sara.

— Não somos dois adolescentes impulsivos trocando bilhetes na sala de aula. Gostamos de ficar juntos. E é isso que importa.

Cathy grunhiu, mas Sara não era idiota de achar que aquele silêncio significava consentimento.

— Bem, eu sou a especialista aqui — disse Bella. — Fui casada cinco vezes, e...

— Seis — corrigiu Cathy.

— Você sabe que aquele casamento foi anulado. O que estou dizendo é: deixe que a criança decida sozinha.

— Não estou dizendo o que fazer. Só dando alguns conselhos. Se ela não estiver levando Will a sério, deve encontrar um homem que leve a sério. Ela é lógica demais para relacionamentos sem compromisso.

— É melhor ser ilógica do que não ter sentimentos.

— Charlotte Brontë está longe de ser especialista no bem-estar emocional da minha filha.

Sara massageou as têmporas, tentando afastar uma dor de cabeça. Sua barriga roncava, mas o almoço seria servido apenas depois das catorze horas, o que talvez não tivesse importância, pois, se ela continuasse a ter aquela conversa, uma delas — ou talvez todas as três — ia morrer naquela cozinha.

— Querida, você viu essa história? — perguntou Bella. — Você não acha que ela matou a esposa porque estava tendo um caso? Quero dizer, uma delas está tendo um caso, então

a esposa matou a infiel. — Piscou para Sara. — Era isso que os conservadores temiam. O casamento gay tornou os pronomes desimportantes.

Sara estava tendo dificuldade em compreender aquela conversa até se dar conta de que Bella apontava para uma matéria no jornal. Michelle Spivey tinha sido sequestrada no estacionamento de um shopping center quatro semanas antes. Ela era cientista do Centro de Controle de Doenças, e por isso o FBI assumira a investigação. A fotografia no jornal era da carteira de motorista de Michelle. Mostrava uma mulher atraente de 30 e tantos anos com um brilho no olhar que mesmo a câmera vagabunda do departamento de trânsito conseguira captar.

— Você está acompanhando o caso? — perguntou Bella.

Sara balançou a cabeça. Lágrimas indesejáveis tomaram os seus olhos. O marido dela fora assassinado cinco anos antes. Na opinião de Sara, a única coisa pior que perder um ente querido era nunca saber se aquela pessoa estava morta ou não.

— Eu acho que foi uma execução — comentou Bella. — Em geral, é isso. A esposa arruma um modelo mais novo e quer se livrar do antigo.

Sara deveria ter deixado para lá, porque Cathy estava ficando nervosa, mas, justamente por isso, respondeu:

— Não sei. A filha estava presente quando aconteceu. Viu a mãe ser arrastada para dentro de uma van. Talvez seja ingenuidade dizer isso, mas não acho que a outra mãe faria algo assim à filha.

— Fred Tokars mandou matar a mulher na frente dos filhos.

— É, mas foi por causa do seguro, não? Além do mais, os negócios dele não eram esquisitos, ele não era ligado à máfia?

— E era homem. As mulheres tendem a matar com as próprias mãos.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Cathy, enfim explodindo. — Será que podemos não falar de assassinato no dia do Senhor? E, Bella, você é a última pessoa que pode falar sobre cônjuges traidores.

Ela chacoalhou o gelo no copo vazio.

— Um mojito cairia bem nesse calor.

Cathy bateu palmas, terminando o serviço, e disse a Bella:

— Você não está ajudando.

— Ah, irmã, ninguém nunca deveria esperar ajuda de mim.

Sara deixou Cathy virar de costas para enxugar os olhos. Bella notara as lágrimas repentinas. Aquilo significava que, no momento em que Sara saísse da cozinha, a mãe e a tia conversariam sobre o assunto. Por quê? Sara não sabia explicar aquela sensibilidade. Nos últimos tempos, tudo a fazia chorar, de um comercial triste a uma música no rádio.

Ela pegou o jornal e fingiu ler a matéria. Não havia novidades sobre o desaparecimento de Michelle. Um mês era bastante tempo. Até mesmo a esposa parara de implorar para que ela voltasse em segurança e passara a suplicar para que o raptor ao menos informasse onde encontrar o corpo.

Sara fungou. O nariz começara a escorrer. Em vez de pegar um guardanapo de papel, limpou com as costas da mão.

Não conhecia Michelle Spivey, mas, no ano anterior, estivera brevemente com a esposa dela, Theresa Lee, em um encontro de ex-alunos da Escola de Medicina de Emory. Lee era ortopedista e professora em Emory. Michelle era epidemiologista no CCD. Segundo a reportagem, as duas haviam se casado em 2015, o que provavelmente significava que tinham oficializado a união assim que ganharam o direito legal de fazê-lo. Mas, na verdade, estavam juntas havia quinze anos. Sara imaginava que, depois de quase duas décadas, elas tinham resolvido as duas causas mais comuns de divórcio: o ajuste aceitável da

temperatura no termostato e a gravidade do crime de fingir não saber que o lava-louças já podia ser esvaziado.

Mas ela não era a especialista em casamentos ali.

— Sara? — chamou Cathy, de costas para o balcão, braços cruzados. — Vou ser bem direta.

— Você pode tentar — disse Bella, dando um risinho.

— Não tem problema seguir com a vida. Construir uma nova vida para você com o Will. Se está mesmo feliz, então fique feliz. Do contrário, o que está esperando, porra?

Sara dobrou o jornal com cuidado. Os olhos foram ao relógio.

Treze horas e 43 minutos.

— Eu gostava do Jeffrey, que Deus o tenha — disse Bella.

— Ele era cheio de pose. Mas Will é um doce. E ele ama você, querida. — A tia deu um tapinha na mão de Sara. — De verdade.

Sara mordeu o lábio. Sua tarde de domingo não ia se transformar em uma sessão de terapia improvisada. Ela não precisava lidar com os seus sentimentos. Estava diante do problema oposto do primeiro ato de toda comédia romântica: já se apaixonara por Will, mas não sabia exatamente como amá-lo.

Ela podia lidar com a falta de traquejo social de Will, mas a sua incapacidade de comunicação quase colocara tudo a perder. Não apenas uma ou duas vezes, mas várias. A princípio, Sara se convencera de que ele estava tentando mostrar seu melhor lado. O que era normal. Ela tinha esperado seis meses para vestir seus pijamas de verdade na frente dele.

Então um ano se passou, e ele continuava guardando as coisas para si. Coisas idiotas e sem importância, como não telefonar para avisar que teria que trabalhar até tarde, que o seu jogo de basquete estava demorando muito, que a sua bicicleta tinha quebrado no meio do caminho, que se oferecera para ajudar na mudança de um amigo durante o fim de semana. Will sempre parecia chocado quando ela

ficava brava por não contar esse tipo de coisa. Ela não estava tentando acabar com a liberdade dele. Só queria saber o que pedir para o jantar.

No entanto, por mais irritante que fosse, havia outras coisas que eram realmente importantes. Will não chegava a mentir, mas encontrava formas inteligentes de não dizer a verdade — tivesse isso a ver com uma situação de trabalho perigosa, algum detalhe terrível da sua infância ou, pior, uma atrocidade recente cometida pela ex-mulher nojenta, narcisista e escrota dele.

Em termos lógicos, Sara compreendia o comportamento de Will. Ele passara a infância pulando de lar adotivo para lar adotivo, e, quando não estava sendo negligenciado, estava sendo agredido. A ex-mulher usara as emoções contra ele. Will nunca tinha tido um relacionamento verdadeiramente saudável. Havia segredos horrendos enterrados no passado dele. Talvez achasse que estava protegendo Sara. Talvez achasse que estava protegendo a si mesmo. A questão era que ela não tinha a mínima ideia se era uma coisa ou outra, porque Will não reconhecia a existência do problema.

— Sara, minha linda — falou Bella. — Queria lhe dizer que outro dia estava pensando na época em que você morava aqui, quando estava estudando. Você lembra, querida?

Sara sorriu com a lembrança dos seus anos de faculdade, mas então os cantos dos lábios começaram a ceder quando notou o olhar trocado entre a tia e a mãe.

Um golpe forte estava prestes a ser dado.

Elas atraíram Sara até ali com a promessa de frango frito.

— Querida, vou ser honesta — disse Bella. — Esta casa velha é grande demais para a sua doce tia Bella cuidar. O que acha de voltar a morar aqui?

Sara riu, mas depois viu que a mulher estava falando sério.

— Vocês poderiam dar um jeito no lugar, torná-lo de vocês — disse Bella.

Sara sentiu a boca se mover, mas não tinha palavras.

— Meu doce. — Bella segurou a mão de Sara. — Sempre pretendi deixar a casa para você no testamento, mas o meu contador diz que seria melhor se eu a transferisse para o seu nome agora. Já dei a entrada para um apartamento no centro. Você e o Will podem se mudar no Natal. Naquele salão cabe uma árvore de seis metros, e tem espaço de sobra para...

Sara perdeu a audição por um momento.

Ela sempre tinha adorado a antiga e enorme casa georgiana, construída pouco antes da Grande Depressão. Seis quartos, cinco banheiros, anexo com dois quartos, barracão de jardinagem decorado, terreno de 12 mil metros quadrados em uma das ruas mais valorizadas do estado. A dez minutos de carro do centro da cidade. A dez minutos de caminhada do campus da Universidade Emory. O bairro fora um dos últimos trabalhos do paisagista Frederick Law Olmsted antes de morrer, e os parques e as árvores se fundiam muito bem com a floresta Fernbank.

Era uma oferta fascinante até os números começarem a correr pela sua cabeça.

Bella não tinha feito nenhuma obra na casa desde os anos 1980. Aquecimento e refrigeração central. Encanamento. Elétrica. Reparos no revestimento. Novas janelas. Novo telhado. Novas calhas. Brigar com a sociedade histórica por causa de detalhes mínimos. Isso para não mencionar o tempo que perderiam, porque Will iria querer fazer tudo sozinho e as raras noites livres e os longos fins de semana preguiçosos de Sara se transformariam em discussões sobre cores de tinta e dinheiro.

Dinheiro.

Aquele era o verdadeiro obstáculo. Sara tinha muito mais dinheiro que Will. O mesmo valera para o seu casamento. Ela nunca se esqueceria da expressão no rosto de Jeffrey na primeira vez que ele vira o saldo no fundo de investimento dela. Ela chegou a ouvir o barulho dos testículos dele

subindo para dentro do corpo. Foi necessária muita sucção para trazê-los para fora de novo.

— E, claro, posso ajudar com os impostos, mas... — disse Bella.

— Obrigada. — Sara pigarreou. — É muita generosidade, mas...

— Poderia ser um presente de casamento — sugeriu Cathy com um sorriso doce enquanto se sentava à mesa. — Isso não seria adorável?

Sara balançou a cabeça, só que não para a mãe. O que havia de errado com ela? Por que estava se preocupando com a reação de Will? Ela não fazia ideia de quanto dinheiro o namorado tinha. Ele pagava tudo em espécie. Se fazia isso por não acreditar em cartões de crédito ou por não ter crédito era outra conversa que eles nunca tinham tido.

— O que foi isso? — perguntou Bella, a cabeça inclinada. — Vocês ouviram alguma coisa? Como fogos de artifício? Ou algo parecido?

Cathy a ignorou.

— Você e Will podem transformar isto aqui em um lar. E a sua irmã pode ficar no apartamento em cima da garagem.

Sara percebeu o golpe final. Sua mãe não estava apenas tentando controlar a vida de Sara. Também queria incluir Tessa na jogada.

— Acho que Tessa não vai querer morar em cima de outra garagem — respondeu Sara.

— Ela não está morando em uma cabana de barro agora? — perguntou Bella.

— Quieta — disse Cathy, e depois perguntou a Sara: — Você conversou com Tessa sobre se mudar de volta?

— Na verdade, não — mentiu Sara. O casamento da irmã mais nova estava desmoronando. Falava com ela pelo Skype pelo menos duas vezes por dia, embora Tessa estivesse morando na África do Sul. — Mãe, você tem que parar com isso. Não estamos nos anos 1950. Posso pagar pelas minhas contas. Tenho aposentadoria privada. Não preciso estar

legalmente ligada a homem algum. Posso cuidar de mim mesma.

A expressão de Cathy fez cair a temperatura no aposento.

— Se acha que casamento é só isso, então dou o assunto por encerrado — disse ela, levantando-se e retornando ao fogão. — Mande Will lavar as mãos antes de comer.

Sara fechou os olhos para não revirá-los.

Saiu da cozinha.

Os passos dela ecoaram pela enorme sala de estar enquanto seguia pela borda do tapete oriental antigo. Parou no primeiro conjunto de portas francesas. Apoiou a testa no vidro. Will empurrava, feliz, o cortador de grama para dentro do barracão. O jardim estava espetacular. Ele até tinha aparado os arbustos em retângulos perfeitos. As beiradas apresentavam uma precisão cirúrgica.

O que ele diria de uma casa dilapidada de 2,5 milhões de dólares?

Sara não sabia nem se ela mesma queria tanta responsabilidade. Passara os primeiros anos de casamento reformando o seu pequeno bangalô com Jeffrey. Sara se lembrava bem da exaustão física de arrancar papel de parede e pintar balaústres de escada, e a agonia insuportável de saber que bastava assinar um cheque para deixar alguém fazer aquilo, mas que não podia fazer aquilo, pois seu marido era um homem muito, muito teimoso.

Seu marido.

Aquela era outra questão que a mãe dela pretendia discutir na cozinha: será que Sara amava Will da mesma forma que tinha amado Jeffrey? Se sim, por que não se casava com ele? E, se não, por que estava perdendo tempo?

Eram excelentes perguntas, mas Sara se viu presa na rotina de Scarlett O'Hara de prometer a si mesma que pensaria no assunto no dia seguinte.

Abriu a porta com o ombro e foi recebida por uma onda de calor. Uma umidade densa, que dava a sensação de que o

ar estava suando. Ainda assim, ergueu a mão e tirou a faixa da cabeça. A camada de tecido extra na sua nuca era como uma luva de forno. Se não fosse o cheiro de grama fresca, poderia acreditar estar entrando em uma sauna. Subiu pelo terreno elevado com esforço. Seus tênis escorregaram em algumas pedras soltas. Insetos voavam ao redor do seu rosto. Ela os espantava conforme se dirigia ao que Bella chamava de barracão, mas que, na verdade, era um estábulo reformado com piso de pedra azul e espaço para dois cavalos e uma carruagem.

Quando passou pela porta aberta, viu Will de pé no meio do espaço, as mãos espalmadas no tampo da bancada de trabalho enquanto ele olhava pela janela. Havia nele uma imobilidade que levou Sara a se perguntar se deveria interromper o momento. Havia dois meses que algo o incomodava. Ela sentia aquilo se infiltrando em quase todos os aspectos da vida de ambos. Perguntara a respeito. Dera espaço para o namorado pensar. Tentara arrancar aquilo dele. Will continuava insistindo que estava tudo bem, mas então ela o flagrava fazendo exatamente aquilo: olhando por uma janela com uma expressão de dor no rosto.

Sara pigarreou.

Will se virou. Trocara de camisa, mas o calor já fizera o tecido colar no seu peito. Havia pedaços de grama grudados nas pernas musculosas. Era alto e magro, e o sorriso que deu fez Sara se esquecer de todos os problemas que tinha com ele por um instante.

— Hora do almoço? — perguntou ele.

— São 13h46 — respondeu ela, conferindo o relógio. — Temos exatamente catorze minutos de calma antes da tempestade.

O sorriso dele cresceu.

— Você viu o barracão? Quero dizer, viu de verdade?

Sara achava que era apenas um barracão, mas Will estava empolgado.

Ele apontou para uma divisória no canto.

— Tem um urinol ali. Um urinol de verdade, funcionando. Olha que legal!

— Impressionante — murmurou ela, em um tom nada impressionado.

— Veja como essas vigas são resistentes — disse ele. Will tinha 1,90 metro, alto o bastante para segurar uma viga e fazer flexões. — E olha ali. A TV é velha, mas ainda funciona. E tem uma geladeira cheia e um micro-ondas onde acho que ficavam os cavalos.

Ela sentiu os lábios se curvarem em um sorriso. Will era um garoto da cidade, e não sabia que aquilo era uma cocheira.

— E o sofá está um pouco mofado, mas é confortável — falou, se jogando no sofá de couro gasto, puxando Sara junto. — Isso aqui é ótimo, não?

Ela tossiu com a poeira. Tentou não relacionar a coleção de *Playboys* velhas do tio ao sofá que rangia.

— Podemos nos mudar para cá? — perguntou Will. — Olha que não estou totalmente de brincadeira.

Sara mordeu o lábio. Não queria que ele estivesse de brincadeira. Queria que ele dissesse o que desejava de verdade.

— Ei, um violão.

Ele pegou o instrumento e afinou as cordas. Algumas dedilhadas depois e já produzia sons reconhecíveis. E então transformou isso em uma canção.

Sara sentiu a empolgação rápida da surpresa que sempre vinha com uma nova descoberta sobre o namorado.

Will cantarolou os primeiros versos de “I’m on Fire”, de Bruce Springsteen.

Ele parou de tocar.

— Isso é meio grosseiro, não? “Hey, little girl, is your daddy home? [\[1\]](#)”

— E quanto à “Girl, You’ll be a Woman Soon”? Ou “Don’t Stand So Close to Me” [\[2\]](#)? Ou o primeiro verso de “Sara Smile”?

— Que merda — disse ele, dedilhando as cordas. — Hall and Oates também?

— O Panic! at the Disco tem uma versão melhor — disse Sara, observando os dedos compridos dele nas cordas. Ela adorava as mãos de Will. — Quando você aprendeu a tocar?

— No ensino médio. Sozinho. — Ele lhe lançou um olhar tímido. — Pense nas coisas idiotas que um garoto de 16 anos faria para impressionar uma garota de 16 anos. Então, eu sei fazer todas elas.

Ela riu, porque não era difícil de imaginar.

— Você tinha um topete?

— Claro — respondeu, continuando a tocar. — Eu imitava a voz de Pee-wee Herman. Andava de skate. Sabia a letra inteira de “Thriller”. Você deveria ter me visto de jeans e jaqueta da Nember’s Only.

— Nember?

— Uma marca da Dollar Store. Eu nunca falei que era milionário — disse ele, e ergueu os olhos do violão, satisfeito por ela estar achando graça. Mas então, indicando a cabeça dela, perguntou: — O que está acontecendo aí em cima?

Sara sentiu a sensibilidade retornar. O amor a sufocou. Will estava totalmente em sintonia com os sentimentos dela. Portanto, ela queria muito que Will aceitasse que Sara entrasse em sintonia com os dele.

O homem largou o violão. Levou a mão ao rosto dela, esfregando sua testa com o polegar, como se, dessa forma, pudesse tirar a preocupação dali.

— Melhor assim.

Sara o beijou. Beijou de verdade. Essa parte sempre era fácil. Correu os dedos pelo cabelo suado dele. Will beijou seu pescoço, depois mais baixo. Sara se contorceu em contato com o corpo dele. Fechou os olhos e deixou que a boca e as mãos de Will apagassem todas as suas dúvidas.

Eles só pararam porque de repente o sofá sacudiu de maneira brusca.

— Que porra foi essa? — perguntou ela.

Will não teceu comentário algum. Olhou embaixo do sofá. Levantou-se, conferindo as vigas acima, batendo os nós dos dedos na madeira petrificada.

— Lembra o terremoto no Alabama alguns anos atrás? Pareceu a mesma coisa, só que mais forte.

Sara arrumou as roupas.

— O country club faz apresentações de fogos de artifício. Talvez estejam testando algo novo?

— À luz do dia? — retrucou Will, parecendo em dúvida. Pegou o telefone na bancada. — Não tem nenhum alerta.

Ele repassou as mensagens, depois deu um telefonema. E outro. Então tentou um terceiro número. Sara esperou, ansiosa, mas ele balançou a cabeça por fim. Ergueu o telefone para que ela pudesse ouvir a mensagem gravada dizendo que todas as linhas estavam ocupadas.

Ela notou o horário no canto da tela.

Treze horas e 51 minutos.

— Emory tem uma sirene de emergência — disse ela a Will. — Sempre que há um desastre natural, ela to...

Bum!

A Terra sacudiu com violência mais uma vez. Sara teve que se apoiar no sofá antes de conseguir seguir Will até o jardim.

Ele olhava para o céu. Uma coluna de fumaça escura subia por trás da fileira de árvores. Ela conhecia muito bem o campus da Universidade Emory.

Quinze mil estudantes.

Seis mil professores e funcionários.

Duas explosões de fazer o chão tremer.

— Vamos! — chamou Will, correndo para o carro.

Ele era agente especial da Agência de Investigação da Geórgia. Sara era médica. Não havia discussão quanto ao que deveriam fazer.

— Sara! — gritou Cathy da porta dos fundos. — Você ouviu?

— Está vindo de Emory.

Ela entrou correndo na casa para pegar as chaves do carro. Sentiu que seus pensamentos se transformavam em pânico. O campus urbano ocupava mais de 2,5 quilômetros quadrados. O Hospital Universitário Emory. O Hospital Infantil Egleston. O Centro para Controle de Doenças. O Instituto Nacional de Saúde Pública. O Centro Nacional de Pesquisa de Primatas Yerkes. O Instituto do Câncer Winship. E os laboratórios governamentais. Patógenos. Vírus. Ataque terrorista. Atiradores na escola. Talvez um único atirador?

— Será que foi o banco? — perguntou Cathy. — Teve uns ladrões que tentaram explodir a cadeia uma vez.

Martin Novak. Sara sabia que havia uma reunião importante acontecendo no centro, mas o prisioneiro estava em um esconderijo seguro fora da cidade.

— Seja o que for, ainda não está na TV — disse Bella, que ligara a televisão da cozinha. — Eu tenho a velha escopeta de Buddy aqui em algum lugar.

Sara encontrou o chaveiro na bolsa.

— Fiquem dentro de casa — avisou ela, depois apertou com força a mão de Cathy. — Ligue para o papai e a Tessa para avisar que estamos bem.

Ela prendeu o cabelo indo até a porta. Mas ficou paralisada antes de chegar lá.

Todos ficaram paralisados.

O lamento grave e triste das sirenes de emergência tomou conta do lugar.

[1] “Ei, garotinha, o seu papai está em casa?”, em tradução livre. (*N. do E.*)

[2] “Garota, você logo vai ser uma mulher” e “Não fique tão perto de mim”, em tradução livre. (*N. do E.*)

Autora best-seller do *The New York Times*

KARIN
SLAUGHTER

"Leio tudo
que ela
escreve."

GILLIAN
FLYNN

Mãe. Heroína. Mentirosa. Assassina...

NINGUÉM
PODE SABER

"Este livro estabelece o padrão de escrita de thriller psicológico."
Jeffery Deaver, autor de *O colecionador de ossos*

Ninguém pode saber

Slaughter, Karin

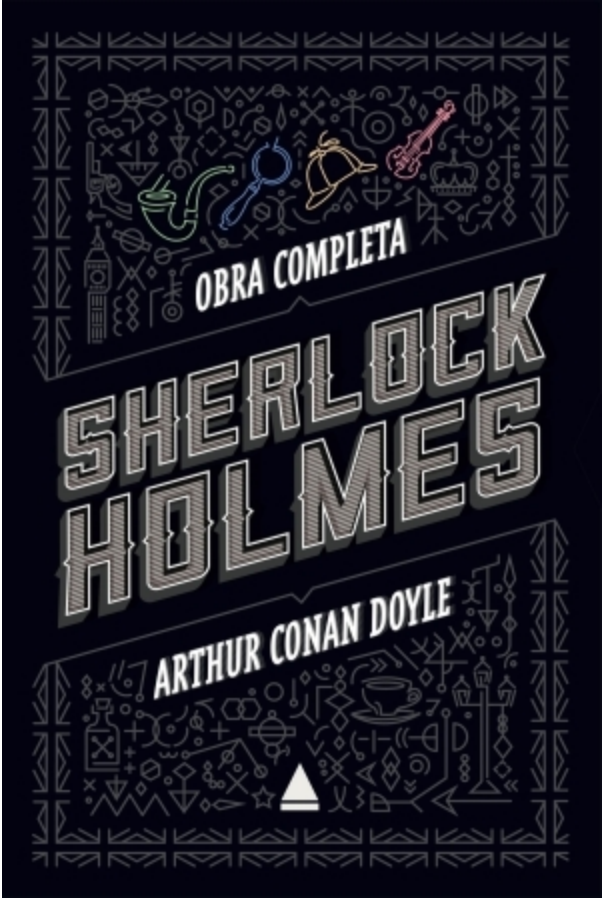
9788595085022

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Andrea sabe tudo sobre sua mãe, Laura. Ela sabe que Laura sempre viveu na pequena cidade costeira de Belle Isle; sabe que a mãe nunca desejou nada além de uma vida serena como integrante da comunidade; e sabe que ela jamais guardou um segredo na vida. Afinal, todos conhecemos nossas mães, certo? Mas tudo muda quando uma ida ao shopping se transforma em um cenário de violência e caos, e Andrea conhece um lado completamente novo de Laura. Parece que sua mãe, antes de ser Laura, era outra pessoa. Durante quase trinta anos ela escondeu sua identidade, vivendo sossegadamente na esperança de que ninguém descobrisse quem era de verdade. Agora, exposta, nunca mais poderá viver como antes. A polícia quer respostas e a inocência de Laura está em jogo, mas ela se recusa a falar com quem quer que seja, inclusive com a própria filha. Andrea, em uma busca desesperada, segue os rastros do passado da

[Compre agora e leia](#)



Sherlock Holmes: Obra completa

Doyle, Arthur Conan

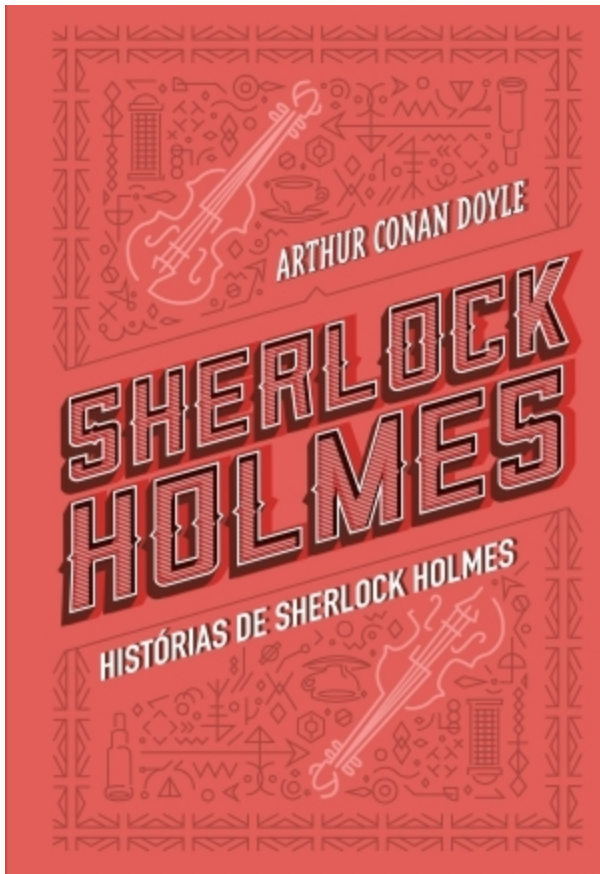
9788520924105

1808 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1887, o escritor escocês sir Arthur Conan Doyle criou Sherlock Holmes, o infalível detetive a quem os agentes da Scotland Yard recorriam para solucionar os mistérios mais intrigantes da Inglaterra vitoriana. Desde então, as aventuras do mestre da investigação atraem leitores ávidos por chegar à última página e ver o enigma desvendado. Esta obra completa reúne os quatro romances e os 56 contos sobre as aventuras do detetive mais famoso do mundo e de seu fiel companheiro, o dr. Watson. Para desvendar mistérios, o faro e a astúcia de Sherlock Holmes levam às fontes menos óbvias, às informações mais precisas. Um modelo que influencia até hoje a literatura policial e revela fôlego para impressionar gerações de leitores através dos tempos. Esta edição é dividida em quatro volumes: VOLUME 1 Um estudo em vermelho (romance) - 1887 O sinal dos quatro (romance) - 1890 As aventuras de Sherlock Holmes (contos) - 1892 VOLUME 2 Memórias de Sherlock Holmes (contos) - 1894 O cão dos Baskerville (romance) - 1902 VOLUME 3 A volta de Sherlock Holmes (contos) - 1905 O vale do medo (romance) - 1915 VOLUME 4 Os últimos casos de Sherlock Holmes (contos) - 1917 Histórias de Sherlock Holmes (contos) - 1927

[Compre agora e leia](#)



Histórias de Sherlock Holmes

Doyle, Arthur Conan

9788595085411

130 páginas

[Compre agora e leia](#)

Histórias de Sherlock Holmes é a última coletânea de contos do famoso detetive. São doze histórias, publicadas pela primeira vez pela Strand Magazine entre 1921 e 1927. Entre elas, "A aventura do cliente ilustre", "A aventura do vampiro de Sussex" e "O problema da ponte Thor".

[Compre agora e leia](#)

KARIN
SLAUGHTER

A GAROTA
DOS OLHOS AZUIS

 Harper
Collins

A garota dos olhos azuis

Slaughter, Karin
9788569809616
80 páginas

[Compre agora e leia](#)

EXCLUSIVO EM EBOOK! Uma linda garota caminha pela rua quando, de repente... Julia Carroll sabe que muitas histórias começam assim. Bonita, inteligente, dezenove anos e recém-chegada à faculdade, ela deve tomar cuidado. Mas, mesmo com todo cuidado, ainda está apavorada, porque várias meninas estão desaparecendo. Uma colega sua, Beatrice Oliver, desapareceu. Assim como uma moradora de rua chamada Mona-Sem-Nome. As duas sumiram no meio da rua, sem deixar vestígios. Julia não quer ser a próxima... Sua única saída é descobrir as razões por trás desses mistérios. A garota dos olhos azuis é um emocionante e inesquecível prequel do best-seller da autora Karin Slaughter, Flores partidas.

[Compre agora e leia](#)

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

JOE HILL



**TEMPO
ESTRANHO**

Harper
Collins

Tempo estranho

Hill, Joe
9788595085633
448 páginas

[Compre agora e leia](#)

O terror pode estar presente em qualquer lugar. Ele pode se esconder em uma foto que guarda uma lembrança querida, em uma única pessoa em um shopping lotado, nas nuvens e seus diversos e estranhos formatos e até mesmo em algo tão pequeno e insignificante quanto uma agulha. Nesta coletânea de histórias inéditas, Joe Hill, autor best-seller do The New York Times, nos faz perceber que a presença do horror não está apenas ligada a clichês como lugares escuros, casas velhas e monstros além da imaginação, mas que, mesmo em um belo dia de sol em meio a uma multidão, você nunca está verdadeiramente a salvo. Em "Instantâneo", um adolescente tenta ajudar uma vizinha idosa que luta contra o Alzheimer, mas logo percebe que a perda de memória dela ocorre por causa de um estranho homem munido de uma estranha máquina fotográfica. "Carregado" apresenta um segurança de shopping que, usando o próprio revólver, impede um tiroteio em massa e se torna herói do movimento a favor do porte de armas. No entanto, conforme a verdade sobre o tiroteio é revelada, a pressão talvez seja maior do que ele pode aguentar. Em "Nas alturas", um rapaz faz seu primeiro voo de paraquedas para impressionar o amor de sua vida e acaba caindo em uma nuvem sólida que tem a capacidade de realizar seus desejos. E, para finalizar, "Chuva" acompanha a jornada de uma jovem que presencia uma tempestade de afiadas

agulhas de cristal que matam e destroem tudo o que encontram abaixo. Em cada uma dessas histórias um mundo de terror espetacular nos é apresentado, mas sem deixar de ter seus momentos ternos, edificantes e, acima de tudo, realistas. O motivo principal de Joe Hill é apresentar a dicotomia entre o bem e o mal presente em cada ser humano. Ao explorar temas clássicos da literatura com um toque de sobrenatural, Tempo estranho é uma coletânea estelar de "um dos maiores escritores de horror dos Estados Unidos", segundo a revista Time.

[Compre agora e leia](#)